



“Voar, proteger e salvar”

Conheça o trabalho do Grupamento Tático Aéreo, equipe vinculada à Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social que se dedica a salvar vidas e combater o crime na PB. [Página 6](#)

Foto: Marcus Antonius

Onda negacionista pode aumentar número de mortes

Especialistas criticam desinformação sobre vacinas contra covid-19 e alertam que vacinação é questão de saúde pública. [Página 5](#)

Foto: Marcus Antonius



Almanaque

A cidade de João Pessoa a partir da Boi Só

A história da propriedade da família francesa Boisson, que deu origem a vários bairros da capital, como o Bairro dos Estados, Jardim Luna e Bessa. [Página 13](#)

Paraíba

Foto: Divulgação



UEPB Pesquisa investiga por que a levedura torna a cachaça da Paraíba um produto único no país. [Página 7](#)

Cultura

Foto: Jose de Holanda/Divulgação



Entrevista Chico César faz balanço do ano, fala sobre EP e revela que vai lançar disco com Zeca Baleiro. [Página 9](#)



O ano da covid

O Jornal A União deste domingo traz, encartada para assinantes e avulsa nas bancas, uma retrospectiva exclusiva com quase 60 páginas, ricamente ilustrada, que mostra como foi o 2020 na Paraíba, da chegada do coronavírus ao impacto da pandemia na saúde e na economia.

Colunas

/// O grupo que se cuida é formado por pessoas que se preocupam com o próximo e não esquecem que pessoas estão sofrendo por terem parentes e amigos em hospitais. [Página 2](#)

Editorial

/// Kantar apontou algumas tendências sobre a indústria da comunicação em 2021. Dentre elas, que o comportamento das audiências será ainda mais difícil de decifrar. [Página 14](#)

Angélica Lúcio

DEZEMBRO VERMELHO
O MÊS DO COMBATE AO HIV

A PREVENÇÃO
PODE SALVAR
SUA VIDA.



Editorial

Respeitar a vida

Sob um determinado ponto de vista, no que diz respeito à pandemia de coronavírus, é possível afirmar que a sociedade brasileira está dividida em dois grandes e distintos grupos: um que segue os protocolos de segurança sanitária, evitando aglomerações e usando máscaras de proteção e álcool gel, e outro que despreza essas regras e age como se nada tivesse acontecendo.

- É preciso viver! - Esse parece ser o lema das pessoas que, em grupos ou sozinhas, fazem atividades físicas ao ar livre sem usar máscaras de proteção sanitária. Muitas inclusive fazem cara feia ou dispensam um sorriso zombeteiro para os semelhantes que, às vezes também com olhares, as criticam pelo fato de estarem descumprindo as determinações governamentais.

Um grupo fica em casa, evitando sair às ruas sem necessidade, e resolve o que pode pelo telefone ou pelas redes sociais. O outro vai à praia e frequenta bares e restaurantes, divertindo-se a valer, pois entende que 'a vida é para ser vivida e coronavírus é assunto para velhos e doentes' - doentes e velhos que também têm em suas casas, 'mas isso não vem ao caso'.

A diferença maior entre um e outro grupo talvez diga respeito a uma questão de consciência. O grupo que se cuida é formado por pessoas que se preocupam com o próximo e não esquecem que, em milhares de casas, no mundo inteiro, pessoas estão sofrendo por terem parentes e amigos internados em hospitais, ou então mortos, sepultados ou cremados, após contraírem o vírus.

Das duas uma: ou o grupo dos que não obedecem as regras de segurança sanitária não se importa mesmo com as vítimas da covid-19 e seus familiares, ou então está em um nível tão alto de alienação, com relação à realidade, que não consegue enxergar o trauma individual e coletivo causado pela pandemia, interessado que está apenas no próprio bem-estar.

Só quem contraiu covid-19 sabe o que isso representa. Há o risco de internação hospitalar - que por si só já é muito desagradável -, e, o que é pior, de perder a vida. O medo de ter transmitido a doença também é angustiante, principalmente para pais e mães, avós e avós. Tudo isso deve ser levado muito a sério, pois vida que não se respeita não é vivida, mas ignorada.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

Temos nosso próprio tempo

Essa frase do filósofo compositor Renato Russo, na canção "Tempo Perdido" do grupo Legião Urbana, nos leva a refletir sobre a forma como construímos nossa vida. A cada dia encaramos desafios e oportunidades, e precisamos estar preparados para enfrentá-los da melhor maneira possível. A nossa individualidade exige que organizemos o nosso próprio tempo.

A velocidade com que nos deparamos com os acontecimentos concorre para que nos tornemos ansiosos, imediatistas, impacientes. Estamos perdendo a capacidade de pensar por nós mesmos e seguimos caminhos determinados por outros. Abrimos mão do poder de definir nosso próprio destino. O tempo deixa de ser nosso e passa a ser das conveniências, das circunstâncias. E isso nos leva muitas vezes a sensações de amargura, de frustrações, de arrependimentos.

Na sociedade contemporânea é natural priorizar a satisfação pessoal, o alcance da estabilidade financeira, o atendimento ao império do particular em detrimento do coletivo. Mesmo que isso

seja obtido em contrário ao que realmente desejamos, porque começamos a entender que, em primeiro lugar, devemos nos enquadrar às exigências determinadas pelos padrões sociais do momento.

Quando nos recusamos a construir nosso próprio tempo, estamos desprezando nossa individualidade. Porque insistimos em adotar comportamentos que permitam a aprovação alheia. O mundo exterior ditando as regras do nosso proceder. Quando assumimos a própria verdade, despreocupados em contrariar os desejos de outrem, estamos sim desfrutando da liberdade de "construir nosso próprio tempo". //

Renato Russo, portanto, nos ensina que a verdadeira sabedoria está em sermos diferentes dos outros, no sentido de termos o domínio do próprio tempo, buscando harmonizar vontades com o desenrolar dos acontecimentos cotidianos que nos afetam.

Foto: Pixabay



Artigo

Maria Emília Rodrigues
Mestra em Sociologia, professora da Uninter

Obsolescência programada

Você tem a sensação de que é difícil acompanhar as novidades lançadas no mercado e de que os produtos não duram mais como antigamente? Já adquiriu algum produto que começou a apresentar problemas de funcionamento com pouco tempo de uso, mesmo não tendo nenhum defeito de fábrica?

Essas situações têm sido cada vez mais comuns nos últimos anos, e revelam o fenômeno da obsolescência programada (ou planejada), que trata de uma estratégia utilizada pelos fabricantes de tornar os produtos rapidamente ultrapassados para manter elevados os patamares de consumo. A obsolescência programada pode ocorrer de duas formas: pela inovação tecnológica, buscando sempre apresentar alguma novidade ao consumidor, ou pela redução deliberada do tempo de vida útil das mercadorias.

Automóveis e eletroeletrônicos são os bens "duráveis" mais comuns dessa estratégia, em especial telefones celulares e computadores. Apesar de parecer que o fenômeno é recente, e que se dá em função das rápidas inovações proporcionadas pelas tecnologias informacionais, ele remonta à década de 1930. O documentário espanhol 'Obsolescência Programada', de 2010, demonstra que entre 1929-1930, durante a Depressão, a indústria de lâmpadas optou por reduzir sua durabilidade como forma de garantir mais vendas e driblar a crise de superprodução.

É através da constante inovação que se encontra a forma mais sutil e não menos problemática de garantir a rápida absorção no mercado. Lançamentos de um mesmo produto em um espaço curtíssimo de tempo,

com mudanças na sua aparência e pequenos incrementos nas suas funcionalidades, convencem uma grande parcela da população que consome acriticamente qualquer "novidade". Influenciada pelos apelos publicitários em uma sociedade cada vez mais pautada na aparência e ostentação, acaba não percebendo que gasta e até contrai dívidas desnecessariamente.

Ainda que se possa alegar que as pessoas possuem autonomia para dispor de seus próprios ganhos da forma que bem entenderem, quando critica-se o comportamento de tipo consumista, há outras variáveis a serem examinadas nesta questão, que vão além da mera discordância sobre posturas individuais. Além dos prejuízos financeiros pessoais, a obsolescência programada causa impactos ambientais extremamente danosos, que vão desde a quantidade cada vez maior de lixo acumulado e exploração de recursos naturais, até os poluentes encontrados tanto na fabricação quanto nos materiais produzidos.

Sobre este aspecto, cabe a nós enquanto consumidores e cidadãos, sempre parar para refletir antes de adquirir algum produto se ele realmente é necessário. Pesquisar sobre os fabricantes das marcas questões relativas à garantia, troca, conserto, reparo ou reposição de peças também é uma maneira de nos protegermos contra gastos que poderiam ser evitados e de futuras situações incômodas. Bem como denunciar empresas que se utilizam das estratégias que forçam o consumo.

(* Excepcionalmente, Sitônio Pinto não enviou sua coluna para este domingo.

// Lançamentos de um mesmo produto em um espaço curtíssimo de tempo convencem uma grande parcela da população que consome acriticamente qualquer 'novidade'. //

Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Salário mínimo: garantia básica distante do bolso do trabalhador

Economista avalia o impacto do reajuste de 4,1% a partir de 1º de janeiro, quando o salário mínimo passará a valer R\$ 1.088,00

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

O artigo 7º da Constituição Brasileira de 1988 afirma que o salário mínimo dos trabalhadores deve ser capaz de atender as necessidades básicas de uma família como moradia, alimentação, saúde, lazer, educação, transporte, entre outros direitos fundamentais, porém, a realidade do trabalhador é bem diferente. O salário mínimo em 2021 será R\$ 1.088, um aumento de R\$ 43 em relação a 2020, sendo reajustado apenas o valor da inflação (4,1%), sem ganho real.

De acordo com a pesquisa mensal realizada pelo Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o salário mínimo necessário para sustentar uma família de quatro pessoas (dois adultos e duas crianças) deveria ser R\$ 5.289,53 com base na cesta básica mais cara do Brasil (R\$ 629,63), em novembro de 2020.

“Esse valor teria um impacto muito grande nas contas públicas, pois segundo o Governo Federal, cada R\$ 1 de aumento de salário mínimo impacta R\$ 350 milhões, isso porque engloba piso dos benefícios da Previdência Social, seguro-desemprego, abono salarial, então o impacto é muito grande. Se você considerar, R\$ 43 reais de aumento vai impactar R\$ 15 bilhões nas contas públicas”, avaliou o economista Francisco Barros.

Na avaliação do especialista, a situação do brasileiro que ganha um salário mínimo está cada vez mais difícil pois a inflação oficial

em 2020 estava prevista para 4,35%, mas o impacto foi bem maior. “Só no setor alimentício o impacto foi em torno de 20%. O salário de quem ganha um salário mínimo foi praticamente todo comprometido em virtude da pandemia. Infelizmente, a inflação oficial é calculada num universo de quem ganha até 40 salários mínimos. Isso termina não sendo muito representativo, pois as pessoas que ganham mais têm outras despesas como: plano de saúde, viagens e educação dos filhos. Muitos desses itens de serviços tiveram um aumento menor do que é considerado essencial como a alimentação”, explicou.

A atendente de call center, Daniela Araújo (nome fictício), 39 anos, possui curso superior, mas sobrevive com um salário mínimo e auxílio financeiro da família. Ela recebe R\$ 730 com os descontos de passagem e INSS, mas este valor mal cobre as despesas básicas. A atendente conta que vende cosméticos e roupa íntima para complementar a renda, mas por depender do pagamento dos clientes, muitas vezes, tem que retirar de suas despesas básicas. “Estou com muitas dívidas por falta de pagamento dos clientes. A minha sorte é que minha mãe me ajuda com R\$ 300 por mês para aplicar no aluguel e alimentação. Antes do governo Bolsonaro não passávamos tanto aperto para ter acesso ao básico. A situação econômica do país piorou muito, impactando diretamente no salário mínimo do trabalhador. Antes a gente conseguia comprar de tudo um pouco. Com



Foto: Divulgação

Situação do brasileiro que ganha um salário mínimo está cada vez mais difícil, pois a inflação em 2020 estava prevista para 4,35%, mas o impacto foi bem maior

o descontrole da inflação qualquer besteira dá R\$ 50”, criticou.

A expectativa do Governo Federal para 2021 é que a inflação seja um pouco menor, em torno de 3,5%. Em relação aos alimentos

acredita-se que os preços ainda sejam elevados nos três primeiros meses do ano. “A nossa expectativa é que a economia não venha a sofrer muitos aumentos e até reduza alguns segmentos que tiveram um aumen-

to expressivo este ano. A gente espera também que o real melhore a sua cotação em relação ao dólar. A própria safra irá bater o recorde, esperamos também que a economia volte a crescer em 2021, em torno de

3,5%. Todos esses fatores poderão favorecer a estabilização dos preços dos produtos e, conseqüentemente a diminuição do impacto econômico das pessoas que ganham menos, concluiu.

A PALAVRA CHAVE É PLANEJAMENTO FINANCEIRO PARA ECONOMIZAR DINHEIRO

- Fazer o controle mensal de receitas (salário) e despesas fixas (dívidas)
- Pesquisar bastante antes de comprar e se possível pague à vista
- Compre o mínimo necessário
- Faça uma reserva financeira
- Economize dinheiro para as despesas de início de ano
- Evite cheque especial, empréstimos consignados e rotativas de cartão de crédito

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

DE OLHO EM 2022, DOIS AGENTES POLÍTICOS DA BASE GOVERNISTA PROJETA ESTAR NA CHAPA MAJORITÁRIA



Foto: Facebook

Na Paraíba – aqui já comentei, após o primeiro turno das eleições municipais – respira-se política 24 horas por dia. Mal chegamos ao término de um pleito e já estamos discutindo as possibilidades eleitorais para a próxima eleição. E não faltam perspectivas a serem abordadas nesse particular. Em primeiro lugar, está a questão da sucessão estadual. Apesar de o governador João Azevêdo (Cidadania) condicionar à sua decisão de disputar um segundo mandato em 2022 ao êxito de seu desempenho neste primeiro, é certo que ele irá submeter novamente seu nome à aprovação das urnas. Até porque – as pesquisas corroboram isso – tem aprovação positiva em todas as regiões do estado. Portanto, diríamos que essa é uma situação resolvida ou ‘prego batido, ponta virada’, como expressa a máxima popular. No que diz respeito a outros cargos eletivos da eleição majoritária, como vice-governador e senador, o cenário é de incógnita. Pelo menos dois agentes políticos de peso que integram a base de apoio do governador já acenam com a possibilidade de serem candidatos a um dos dois cargos: o deputado estadual Adriano Galdino (foto), do PSB, presidente da ALPB, e o deputado federal Efraim Filho (DEM). Este último não coloca necessariamente seu nome como candidato a vice-governador ou a senador, mas afirma que o seu partido projeta estar na chapa majoritária.

“NÃO LIBEROU GERAL”

“A chegada da vacina não significa o ‘liberou geral’”, alerta o secretário de Saúde da Paraíba, Geraldo Medeiros – a vacina chegará dia 21 de janeiro. Ele ressaltou que a população precisa manter os procedimentos preventivos até que ocorra a imunização “para não termos uma avalanche de casos novos, destruindo todo o trabalho feito nos últimos meses”.

“CENÁRIO MAIS TÉTRICO”

Apesar do aumento de casos de covid-19 na Paraíba – em nível nacional, ocorreu o mesmo –, o secretário Geraldo Medeiros afirmou que o estado “tem uma situação epidemiológica confortável. Outros estados da federação tiveram um cenário bem mais tétrico, com pacientes dentro de ambulâncias à procura de leitos de UTI”.

“PRECOCIDADE NAS ÇÕES”

Geraldo Medeiros ressaltou que a Paraíba foi “o quarto estado que melhor conduziu o enfrentamento da pandemia”. E lembrou que foi graças à agilidade do governo que a Paraíba não teve problemas com a disponibilização de leitos de UTI: “Essa precocidade nas ações permitiu que os paraibanos sempre tivessem leitos disponíveis”.

NA PONTA DA LÍNGUA

Efraim Filho tem argumento na ponta da língua para reivindicar participação na chapa majoritária, em 2022: seu partido elegeu 25 prefeitos nas eleições deste ano, o que coloca a legenda como a terceira em número de gestores eleitos – está atrás do Cidadania e do PSDB, que elegeram, respectivamente, 42 e 27 prefeitos.

CONTANDO OS DIAS

Do presidente da ALPB, Adriano Galdino, que conta os dias para a chegada da janela partidária que lhe permitirá deixar o PSB sem o risco de perder o mandato por infidelidade partidária: “Vou para o Avante. Se o PSB já tivesse me liberado, eu já tinha deixado o partido. Mas vou esperar a abertura da janela partidária”.

“ELE VOLTOU A INSUFLAR SUA BASE DE FANÁTICOS”

Marcelo Freixo (PSOL), via Twitter, diz que Bolsonaro apoia a candidatura de Arthur Lira (PP) à presidência da Câmara por um propósito especial: “Ele voltou a insuflar sua base de fanáticos, dizendo que se não houver voto impresso em 2022 a eleição será fraudada. Quer que o próximo presidente da Câmara coloque o assunto em votação. Temos o dever de derrotá-lo no Congresso”.

Coronel Marcelo Augusto de Araújo

Comandante do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba

CBMPB engajado em salvar vidas durante a pandemia

Nesta entrevista, Coronel Marcelo Augusto fala como a corporação irá atuar no Verão, incêndios e problemas com trotes

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Há pouco mais de um século, o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB) realiza combate a incêndios, atendimento pré-hospitalar, busca e salvamento (terrestre, em altura e aquático), assim como, a prevenção com fiscalização dos sistemas de combate a incêndio e pânico, além de atividades educativas e de Defesa Civil.

A história do CBMPB remonta a 1916, quando a capital da província da Paraíba enfrentava muitos incêndios. Em 1917, foi criada uma Seção de Bombeiros, com efetivo de 30 homens, retirados da Força Pública, atual Polícia Militar.

Agora, durante a pandemia da covid-19, o CBMPB está também engajado nas conscientizações das medidas sanitárias e em auxiliar pacientes. Por isso, o efetivo realiza vistorias regularmente buscando verificar o cumprimento das normas de prevenção contra incêndio e pânico, além de evitar aglomerações.

A entrevista

Como a corporação vem atuando nesse período de pandemia?

Estamos atuando desde o início da pandemia junto com as forças de segurança pública: Polícia Militar (PMPB) e Polícia Civil (PC). O Corpo de Bombeiros se engajou de forma muito forte nessas ações, principalmente quando o Governo do Estado nos fez a solicitação de que os órgãos auxiliassem nas campanhas educativas e preventivas.

Então, o Corpo de Bombeiros procurou atuar de Cabedelo a Cajazeiras no intuito de realizar ações preventivas de orientação ao público contra aglomerações e sobre as recomendações da Secretaria de Saúde do Estado.

Também atuamos no que diz respeito à preparação de nossas equipes de ambulâncias para realizar o transporte das vítimas do coronavírus para os hospitais. Nossas ambulâncias até agora estão nessa área. Fizemos também campanhas internas de conscientização e tivemos acesso a teste rápido para a tropa que desde março está como linha de frente.

O Corpo de Bombeiros também realizou aquisições internas de máscaras impermeáveis, máscaras apropriadas, luvas, tudo o que era preciso para preservar nossas equipes. Em nenhum instante, recuamos. Estamos 24 horas por dia nos quartéis para dar um suporte à sociedade.

Quais os desafios enfrentados até aqui?

Os desafios são muito grandes. Ainda estamos dentro de uma pandemia com todos os cuidados, mas não podemos abrir mão de estar nessa linha de frente com mulheres e homens envolvidos nesse sentimento de auxiliar, de proteger a sociedade. O Corpo de Bombeiros continuou realizando todas as ações de prevenção, combate a incêndio, buscas e resgates. Não deixamos de atuar, mas também preservando o efetivo, com treinamento, equipamento de proteção individual e realizando a preparação para alguns afastamentos que aconteceram na nossa tropa operacional e a preparação de nossas equipes médicas para dar um suporte aos militares e aos dependentes para que tivessem apoio para continuar trabalhando, exercendo a profissão e auxiliando da melhor forma possível.

Chegamos ao primeiro Verão na pandemia. Quais os preparativos, orientações, para esse período?

Nós começamos a observar que, desde outubro, houve um aumento significativo do número de pessoa frequentando as praias. Estamos percebendo isso de forma muito intensa e reforçando os postos de guarda-vidas, reforçando os equipamentos, utilizando jet-skis, as embarcações, reforçando postos fixos e móveis, também com a utilização de quadricúculos, equipamento muito importante para cobrirmos uma área e oferecer uma proteção maior ao banhista.

Estamos também realizando treinamentos internos para a estação Verão. Estamos atuantes. Para nós, o Verão começou em outubro. Dentro da nossa operacionalidade, estamos continuando e como vai se intensificar, o Corpo de Bombeiros vai utilizar todos os recursos humanos, administrativos e operacionais para ampliar mais ainda a nossa atuação na prevenção contra afogamentos.

Como será feito o trabalho ao longo do Litoral e em regiões de açudes que costumam ter muita gente aglomerada no interior paraibano?

Aí temos exatamente dois lados: a prevenção contra afogamento aos banhistas, principalmente jovens e também para evitar aglomerações. Estamos junto às prefeituras que têm praias realizando treinamentos para guarda-vidas, tanto os nossos e também os das prefeituras que atuam como apoio. Temos parceria em Cabedelo, Conde, Pitimbu e outras cidades. Estamos nos preparativos para somarmos esforços nessa ação que visa a prevenção.

Também temos um olhar muito forte para as recomendações da Vigilância de Saúde do Estado (distanciamento, utilização de máscaras) e vamos continuar atuando nessa área. No interior, vamos atuar nos açudes, mananciais que existem com nossos guarda-vidas para essa prevenção importantíssima.

Estamos fazendo o lançamento também de placas de sinalização, fruto de um estudo realizado por nossa equipe técnica para verificar onde existem áreas de risco. A meta é incluir toda a orla do estado.



Marcelo Augusto: "Corpo de Bombeiros procura atuar de Cabedelo a Cajazeiras no intuito de realizar ações preventivas de orientação ao público contra aglomerações e sobre as recomendações da Secretaria de Saúde do Estado"

Vamos continuar agindo de forma preventiva para orientar principalmente os jovens a não entrarem no mar quando não tiverem todas as informações necessárias. Não só a prevenção, mas com a atuação dos nossos guarda-vidas, a utilização de drones que conseguem visualizar uma área bem maior e as embarcações atuando de forma muito presente.

Qual a estrutura atual do Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba?

Estamos divididos atualmente em três grandes regiões: uma Regional em João Pessoa, outra em Campina Grande e uma Patos, que abrange o interior do Estado. O Corpo de Bombeiros possui hoje 1.245 bombeiros militares em serviço ativo em toda a Paraíba, mulheres e homens.

Nesse período de férias e Verão como temos um aumento muito grande no turismo, precisamos utilizar a

/// O Corpo de Bombeiros se engajou nas ações, principalmente quando o Governo do Estado solicitou que auxiliasse nas campanhas educativas e preventivas ///

força interna, administrativa e operacional para reforçar. Vamos utilizar alunos e recrutas. O momento é de treinamento para trabalhar na utilização de equipamentos, viaturas e toda a tecnologia que possa atuar na nossa orla que é muito grande. Estamos há dois Carnavais sem nenhum óbito no Litoral.

Todos de alguma forma serão utilizados, porque paralelamente a isso, vamos continuar com as rotinas operacionais, as guarnições de prevenção contra incêndio e pânico, guarnições de resgates e as guarnições internas operacionais. Vamos incrementar os guarda-vidas com as equipes administrativas e as equipes também em formação.

Existem planos de expansão da corporação?

Sim! O Governo do Estado deverá inaugurar em uma data futura a unidade no Cariri, em Sumé. A unidade já foi autorizada a funcionar pelo gover-

nador. A unidade já está funcionando no Cariri que era uma área em que o Corpo de Bombeiros não tinha nenhuma atuação e agora está interiorizando as suas ações cada vez mais.

O Corpo de Bombeiros também realizou operações em locais como Brumadinho, para onde a corporação enviou homens e cães para as operações de resgate de corpos. Qual a importância para o CBMPB de ter enviado homens Bombeiros de Minas Gerais?

Foi importante demais. Foi um desastre de dimensão muito grande que apenas o estado de Minas não tinha como dar conta disso, não tinha como dar uma resposta. Então precisou do apoio de quase todos os estados do país que de alguma forma auxiliaram. E o Corpo de Bombeiros da Paraíba quando foi solicitado fez a utilização de nossos cães de resgate. O canil do Corpo de Bombeiros teve uma atuação muito forte em Brumadinho. Ficamos lá por mais de dois meses, revezando as equipes de cães e homens. O Corpo de Bombeiros fez essa atuação que foi importante, não só da Paraíba, como de outros estados. Houve o reconhecimento do Governo de Minas Gerais que nos agraciou com uma condecoração pelo apoio e esforço disponibilizado para amenizar um pouco aquele desastre.

Tivemos várias áreas de incêndio em matas no estado ao longo de 2020, especialmente no Sertão. Houve aumento dessas ocorrências em relação aos demais anos?

Sim. Tivemos um aumento muito significativo. Todas as vezes que temos um Inverno, um período de chuva muito forte, consequentemente a vegetação cresce e aí quando vem a seca, há uma possibilidade maior de incêndios em vegetação. E foi o que aconteceu esse ano: o inverno foi muito forte e a partir de agosto tivemos um incremento no número de incêndios florestais. O Corpo de Bombeiros atuou com as equipes no Sertão. Temos unidades em Catolé do Rocha, Princesa Isabel, Pombal, Patos, Cajazeiras e Sousa. Atuamos muito e ainda estamos em fase de muitas ocorrências, até o início do próximo Inverno.

Fizemos investimentos para proporcionar aos militares e as unidades que fazem parte do interior uma atuação com uma resposta mais rápida nesses incêndios que às vezes causam uma destruição muito grande, economicamente também na agricultura. Investimos em viaturas que têm um acesso rápido para chegar em algumas áreas da zona rural, assim como os quadricúculos e drones sobrevoando uma área onde se tem uma ideia do início do fogo, a proporção dele e a melhor forma de atuar estrategicamente.

Existem incêndios com características criminosas?

Sim, inclusive fizemos uma campanha preventiva nas principais rádios do interior, alertando para esse tipo de comportamento que traz consequências terríveis e algumas pessoas foram até presas em virtude disso. O Corpo de Bombeiros tem essas informações e a população também nos ajuda bastante.

Os Bombeiros ainda enfrentam problemas com trotes e como isso atrapalha na atuação da corporação?

O sistema como um todo e o de emergência, que são os números 193 (Bombeiros), 190(PM), 192 (Samu), ainda sofre muito com trotes. Quando você sai pra uma ocorrência que é um trote você está deixando de atuar em uma ocorrência real. Às vezes, mesmo com um telefonista com grande vivência na área, quem faz esse tipo de trote utiliza da inteligência para oportunizar essa ação que traz prejuízos.

O deslocamento de uma equipe para o atendimento de algo que não existe, quando naquele mesmo instante está acontecendo um incêndio, um atropelamento, algo verdadeiro tem perturbado muito todo o sistema de emergência.

Trata-se de um crime. Há campanhas educativas feitas principalmente em escolas e com os jovens pra que não façam esse tipo de ação que compromete nossa atuação. Conte sempre com o Corpo de Bombeiros, que pelo número 193 está à disposição para fazer o atendimento. É um momento muito crítico, mas temos atuado de forma muito intensa, comprometida e motivada para minimizar os efeitos dessa situação.

Foto: Divulgação/Corpo de Bombeiros



Onda negacionista poderá afetar vacinação da covid

Enquanto especialistas correm contra o tempo, a desinformação pode aumentar o número de mortes no mundo

Laura Luna

lauraragao@gmail.com

A pandemia causada pelo novo coronavírus provocou uma verdadeira corrida em busca da imunização contra a doença. Cientistas dedicaram-se à elaboração do antídoto que é a promessa para a retomada real da normalidade e mesmo em meio às boas notícias que o mundo começa a partilhar há uma onda perigosa que trabalha no sentido de desqualificar e até demonizar o que, de fato, é a única saída para a cura.

Rejeição não é recente

Mas a onda de suspeitas a respeito da eficácia das vacinas não é recente. O reforço de lideranças políticas despreparadas somado a uma enxurrada de notícias falsas tem surtido efeito ne-

gativo. No Brasil, por exemplo, a cobertura vacinal tem caído nos últimos anos, tendência que os especialistas em saúde veem com receio, já que o comportamento equivocado pode representar, inclusive, o retorno de doenças já erradicadas.

A imunologista, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Sandra Rodrigues Mascarenhas, trabalha há pelo menos 15 anos na área. Com pós-doutorado no assunto, a entrevistada reforça a importância da imunização.

“É a forma mais eficaz que nós temos para prevenir doenças e também para erradicar doenças”. A especialista teme o que discursos contrários podem ocasionar e afirma que a não vacinação pode representar risco para todos, inclusive para os imunizados.

“O perigo de não se vacinar é observar exatamente o que a gente está vendo nessa pandemia: um número elevado de pessoas doentes e uma taxa de mortalidade importante. É essencial frisar que a vacinação não é um mecanismo de ação individual. Quando você se vacina também está protegendo o próximo, portanto é uma questão de saúde pública que deve ser estimulada”.

Os ‘antivacina’

Sobre os movimentos antivacina, Sandra Rodrigues Mascarenhas é incisiva. “São absolutamente desprezíveis e um desserviço para a sociedade porque não há nenhum embasamento científico. A vacina realmente salva vidas e é capaz de erradicar doenças, portanto esses movimentos devem ser combatidos”.

“É essencial frisar que a vacinação não é um mecanismo de ação individual. Quando você se vacina também está protegendo o próximo. É questão de saúde pública”

A imunologista, professora e pesquisadora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Sandra Rodrigues Mascarenhas



Foto: Arquivo Pessoal

Críticas e boicotes acompanham a história das vacinas há vários anos

Apesar da comprovada eficácia, críticas e boicotes acompanham a história das vacinas desde sempre. A própria varíola sofreu forte resistência que resultou em milhares de mortes no Brasil. Na época, início do século XX, oficiais do Exército, monarquistas, operários, jornalistas e até profissionais da saúde se posicionaram contra a imunização. A mobilização, chamada de Revolta da Vacina, foi tanta que a Lei

da Vacinação Obrigatória, instituída pelo congresso brasileiro em 31 de outubro de 1904, sucumbiu. O preço a ser pago foi alto e resultou em surtos sucessivos que assolaram, inclusive, o Nordeste do país.

Décadas depois e mesmo com todo conhecimento, ainda é possível se separar com pessoas que veem a vacina como um risco. Posição reforçada pela desinformação e posturas políticas equivocadas.

Nesse sentido faz-se necessário diferenciar política e ciência, como uma forma de preservar a saúde e a vida humana.

História

Foi no final do século XVIII que surgiu a primeira vacina, fruto de uma pesquisa de pelo menos 20 anos atribuída ao médico inglês Edward Jenner. À época a varíola- doença viral extremamente grave que causava febre alta, dores na cabeça e em todo o corpo, lesões na pele e morte- assolava o mundo. Foram mais de 300 mil mortos até a erradicação declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1980.

A técnica, a priori rudimentar, que consistia em inocular pus de portadores de cowpox, doença transmitida por bovinos e semelhante à varíola, em pacientes contaminados pelo Orthopoxvirus varíola e se valeu do princípio que é a base da eficácia do processo até hoje: a introdução do agente causador da doença (atenuado ou inativado) ou substâncias por ele produzidas com a finalidade de estimular a produção de anticorpos e células de memória pelo sistema imunológico, de modo que ao ser infectado o organismo vacinado seja capaz de combater o agente causador da doença.

A descoberta transformou o mundo poupando milhares de vidas ao longo dos últimos 40 anos. Depois da varíola, doenças como poliomielite, tétano, coqueluche, sarampo, rubéola, febre amarela, difteria, hepatite B e gripe também passaram a ser prevenidas graças à vacina. E é justamente em torno dessa pauta que o mundo tem se dobrado.

Cobertura vacinal

O ano de 2020 deixou a desejar em relação à cobertura vacinal no Brasil e a Paraíba seguiu a tendência. Quem confirma é a assessora técnica de imunização da

Secretaria de Estado da Saúde (SES), Milena Vitorino. A queda, acredita, foi acentuada pela pandemia. “Houve influência também do movimento ideológico contra a vacina, mas a pandemia se destaca porque as pessoas ficaram com medo de sair de casa para se vacinar”. Ela lembra que a Paraíba não descansa quando o assunto é vacinação: Campanhas de incentivo, profissionais preparados e abastecimento em todas as regiões do estado marcaram o ano de pandemia que se mostrou um ponto fora da curva. “Este ano a campanha contra a poliomielite, por exemplo, atingiu 91,60% de cobertura, sendo que há anos atingimos a média de 95%”. Segundo Milena, este ano pelo menos 20 mil crianças deixaram de ser imunizadas. “Por isso que as doenças estão voltando”.

A Paraíba oferece hoje cerca de 21 vacinas na rotina do calendário vacinal anual. Cobertura que protege de bebês a idosos e que deve ser usufruída por toda a população. “Muitas custam caro na rede privada e nós temos acesso de maneira gratuita. É preciso mudar esse quadro de queda e é isso que nós esperamos, inclusive em relação à vacina contra a covid que estamos esperando chegar”.



PRAGA DO POVO

«Has de tambem ser mordido
Mestre Ovarado e seu filho
Por um milhao de milhoes
Raimo bravo e moçoquin
E com elles socorrido
Não curaram o bocado
Has de sentir a gravanca
Da contante e brava doenca
Has de, enfim, ser perseguido
Como o Ze Peres todo nido
Por ti, que bastantemente
Martyrisas toda a gente»
N.º 10000

GTA: a missão de assegurar vidas pelos céus da cidade

Atuando em salvamentos e no combate ao crime, Grupamento Tático Aéreo tem sido indispensável em todo estado

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Salvamentos, resgates, atendimento médico de emergência, combate ao crime e outras atividades fazem o Grupamento Tático Aéreo (GTA) receber a admiração de muitos paraibanos e dos próprios tripulantes. Sob o lema “Voar, proteger e salvar”, a equipe é subordinada à Secretaria de Estado da Segurança e da Defesa Social da Paraíba (Sesds) e conta hoje com um efetivo de 35 integrantes envolvendo a Polícia Militar (PMPB), Polícia Civil (PC) e Corpo de Bombeiros Militar (CBMPB), todos atuando do Litoral ao Sertão paraibano.

As diversas missões de salvamento, para o major Carlos Nascimento, comandante do GTA, estão entre os motivos de orgulho dos integrantes do grupo. O carinho da população, segundo ele, é refletido nos vários patrulhamentos na Região Metropolitana de João Pessoa tanto no ar quanto em terra.

“É muito importante o carinho da população paraibana com o grupamento. Costumeiramente, nos finais de semana efetuamos o patrulhamento no Litoral. Quem está na praia vê que sábado, domingo, passamos de forma preventiva. É comum as pessoas darem tchau, soltarem beijos, fazer coração e a gente retribui o carinho e procura se comunicar da melhor forma possível”, elogia.

Criado em setembro de 2014, o GTA possui duas aeronaves, Acauã 1 e 2 que,

juntas têm mais de 112 horas de voo, sete veículos apreendidos, 13 apoios em ocorrências de roubos, 25 patrulhamentos aéreos e três apoios em operações em estabelecimentos prisionais.

O grupo é responsável pelo comando, planejamento, coordenação, operacionalização, fiscalização, treinamento, segurança, manutenção e controle das atividades aéreas, além de apoio às atividades de defesa civil e resgate aeromédico. São 32 ações de janeiro a agosto deste ano, sendo 17 resgates/salvamentos e 15 apoios a operações integradas na Paraíba.

De domingo a domingo das 7h às 18h, eles estão de serviço, embora também presentes em eventuais atividades noturnas

“A ideia é agregar estas três forças de segurança. Atendemos ocorrências específicas aos bombeiros como as vítimas de

afogamento, mas também combate a incêndio. Todas as vezes que há uma necessidade a gente sempre tem um bombeiro na equipe”, explica o major.

De domingo a domingo das 7h às 18h, eles estão de serviço, embora também presentes em eventuais atividades noturnas, como nas operações “Impacto”, “Alvorada” e “Previsão” (PMPB) ou mesmo antes das 7h. Recentemente, as duas aeronaves Acauã apoiaram o primeiro e o segundo turno das eleições deste ano.

“Há cerca de 30 dias fizemos o resgate de uma criança que estava se afogando e rapidamente chegamos ao local, conseguimos levá-la até o Trauma e essa criança hoje, tivemos notícias que ela está bem melhor. Tivemos operações também da Polícia



Fotos: Marcus Antonius

Entre as tarefas do grupo estão o comando, planejamento, fiscalização e controle das atividades aéreas na Paraíba

Civil, a mais recente prendeu algumas pessoas na comunidade do Timbó e também na Paulo Afonso entre Jaguaribe e o Rangel”, comenta o Major.

Os resgates nas praias estão entre as atividades mais comemoradas pelos tripulantes. Como o operador Aerotático Silvestre, no GTA PB há um ano e meio. Ele formou-se no II Curso de Operações Aéreas (COA) Ciopaer/RN em 2018, sendo o segundo policial civil da Paraíba a concluir essa formação.



+ Todo o trabalho operacional é realizado de forma integrada

Segundo o comandante, geralmente os acionamentos são do Centro Integrado de Operações (Ciop). Mas, as aeronaves podem se antecipar aos acionamentos da polícia. “Se alguém precisar da aeronave no Sertão, rapidamente temos condições de nos deslocar para lá e prestar o auxílio. Todos os operadores ouvem a faixa de cada batalhão e

onde houver uma ocorrência que exige a aeronave, a gente pode decolar antes do CIOP acionar”, comentou.

Conforme o major, esse tempo é essencial na captura de fugitivos, após assaltos a banco, roubos a carro-forte ou outras situações em que a demora no atendimento não pode ocorrer. “Recentemente

o Grupamento foi até Campina Grande, onde houve um roubo de veículo e os criminosos entraram na mata. Havia um cerco policial e em 25 minutos chegamos e ajudamos a prender dois deles. A finalidade da aeronave é diminuir esse tempo, chegando mais rápido e ajudar as forças terrestres. Dificilmente a gente vai ser

surpreendido, pois procuramos dar uma resposta imediata”, ressaltou.

As aeronaves são ocupadas por dois pilotos, sendo um comandante e um co-piloto e três operadores aerostáticos. Todos estes precisam participar de um curso de tripulante operacional por 45/60 dias destinados a atuação nas diversas missões.

“É exigido desse policial que ele seja bem preparado fisicamente, tenha boa condição de natação para o resgate, esteja bem no tiro. É um policial que volta muito mais preparado do curso porque tem toda a técnica que ele aprende para atuar nas aeronaves. Temos operadores formados no Ceará, Brasília, Alagoas e Rio Grande do Norte”.

Boas expectativas para o ano de 2021

Atualmente, o GTA possui um acervo de equipamentos dotados para multimissão, a exemplo de ‘bambibucket’, para combate a incêndios e queimadas; ‘sling’, para salvamento em água; maca envelope, destinada a operações de resgate em altura, local confinado, ribanceiras e terrenos de

difícil acesso por terra; farol de busca, utilizado em operações noturnas de busca, localização e apoio à tropa; e cesto de resgate de puçá, para resgate de vítimas de arrastamento, afogamento e naufrágios.

A maioria das operações acontece na Região Metropolitana, porém, a previsão é que

o grupo amplie ainda mais esse trabalho a exemplo do aumento de sua presença no Sertão de forma mais contínua. “A gente tem expectativa de expandir mais esse trabalho. No Sertão certamente vamos avançar para atender as cidades de forma mais rápida do que já atendemos”, finalizou.



O comandante do Carlos Nascimento está à frente do GTA

Pesquisa procura descobrir “segredo” da cachaça da PB

Pesquisadores querem saber que leveduras atuam na produção da bebida para torná-la diferente das demais do país

Juliana Cavalcanti
juliana.ferreiracavalcanti@gmail.com

Em outros tempos, “cachaceiro” não tinha nem de perto uma conotação positiva. Isto está mudando graças a um trabalho muito sério de pesquisa e marketing dedicado a estabelecer e divulgar a qualidade da cachaça. Em festas, como as de fim de ano, esse produto genuinamente brasileiro, com forte presença produtiva na Paraíba, vai ganhando espaço e disputando atenção com outras bebidas outrora vistas como mais nobres, como o uísque.

A Universidade Estadual da Paraíba, no campus de Lagoa Seca, vem trabalhando em um verdadeiro processo de investigação: quer descobrir quais leveduras específicas atuam no processo de fermentação da cachaça paraibana e que são responsáveis por diferenciar os produtos locais do restante do país.

A pesquisa vem sendo feita no engenho-escola localizado no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, do campus II. O engenho-escola possui um alambique de cobre e também um laboratório para pesquisas voltadas à cachaça.

“Nesse laboratório realizamos um projeto no qual fazemos uma pesquisa voltada para o isolamento de leveduras – micro-organismos que atuam no processo de fermentação para transformar o gosto da cana-de-açúcar em vinho. Esse vinho é destilado e transformado em cachaça”, explica o professor José Felix de Brito Neto, diretor do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais e coordenador do programa de seleção de leveduras fermentadoras para cachaça e aguardente de cana da UEPB.

“Nós acreditamos que existem cepas de leveduras selvagens aqui em nosso Brejo paraibano”, prossegue. “Essas pesquisas estão sendo realizadas em parceria com alguns engenhos para que a gente possa isolar essa levedura, uma levedura intrínseca



Fotos: Divulgação

A pesquisa vem sendo feita no engenho-escola localizado no Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, do campus II da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O engenho-escola possui um alambique de cobre e também um laboratório para pesquisas voltadas à cachaça. Com isso, a cultura da cachaça só ganha mais renome nacional, já que vem sendo reconhecida entre as melhores bebidas e levando, assim, o status que ainda não tinha: o de uma bebida nobre, como o uísque. Num mercado exigente e competitivo, a cachaça paraibana desponta.



da região que nós possamos utilizar no processo de fermentação. Isso tem uma série de benefícios. O maior seria a indicação geográfica da nossa cachaça”.

Essa pesquisa sobre a levedura está na mira da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB), que já programa para o início de 2021 um edital sobre a cachaça. O professor Roberto Germano, presidente da fundação fala sobre os pontos do edital: “O levantamento das leveduras do estado da Paraíba, tentando fazer um diagnóstico; outro voltado para a análise sensorial e uma tentativa de ranqueamento das cachaças da Paraíba; e, por último, o atendimento da padronização exigida pelo Ministério da Agricultura, que a gente tivesse esse diagnóstico e essa caracterização das cachaças mais conhecidas da Paraíba”.

Esta semana, uma dissertação de

mestrado foi defendida no campus já partindo dessa pesquisa e resultado na fabricação de uma cachaça. Um ponto de um projeto maior: “A ideia é montar um banco de leveduras no laboratório para atender a demanda dos engenhos e também isolar essa que a gente acredita que existe aqui no Brejo”, diz o professor Felix.

Mudança de status

A cachaça foi associada por muitos anos aos piores botequins, mas agora é oferecida em restaurantes chiques em cartas, como as cartas de vinho, e conta com especialistas que podem dizer que cachaça vai melhor com que tipo de carne, por exemplo. Se o vinho tem sommeliers, a cachaça tem os “cachaciers”.

Outra questão importante que tem colaborado nessa mudança de status está ligada à questão do envelhecimento

da bebida. “Diferentes madeiras do Brasil são usadas para envelhecer cachaça”, conta o professor. “E isso proporciona uma melhor qualidade à bebida. São madeiras como bálsamo, jequitibá, freijó, jaqueira, umburana, carvalho europeu, carvalho americano...”

Assim, há cachaças envelhecidas por 8, 10, 12 anos em barris de carvalho ou de jequitibá, agregando sabor e valor. “Hoje você tem garrafas de cachaça que são mais caras que garrafas de uísque”, diz Felix.

Salão virtual

O Salão Paraibano da Cachaça foi realizado de 15 a 17 de dezembro, de forma, claro, virtual. A pandemia não intimidou os organizadores que sentiram a necessidade de um evento para levar informações a produtores, estudiosos e apaixonados por essa bebida. “Pensa-

mos em um modelo digital que pudessem atender a essa expectativa. Houve uma exposição em 3D, com um Parque do Povo digital com estandes das empresas do estado, e também algumas de Minas e de São Paulo”, diz Felix, que também foi organizador do salão.

Palestras foram transmitidas no YouTube, em canais do salão e da UEPB. Houve a participação de 11 palestrantes, como Aline Bortoletto, Maria das Graças Cardoso, André Alcarde – nomes importantes do estudo da cachaça no país. “Foram três dias de muita riqueza técnica, científica e cultural sobre a cachaça paraibana”, conta.

Já está programado para o ano que vem a segunda edição do Salão Nacional da Cachaça, em setembro de 2021. O Governo do Estado, através da Fapesq, também vai apoiar a realização do evento, com apoio do Sebrae.

Além da degustação

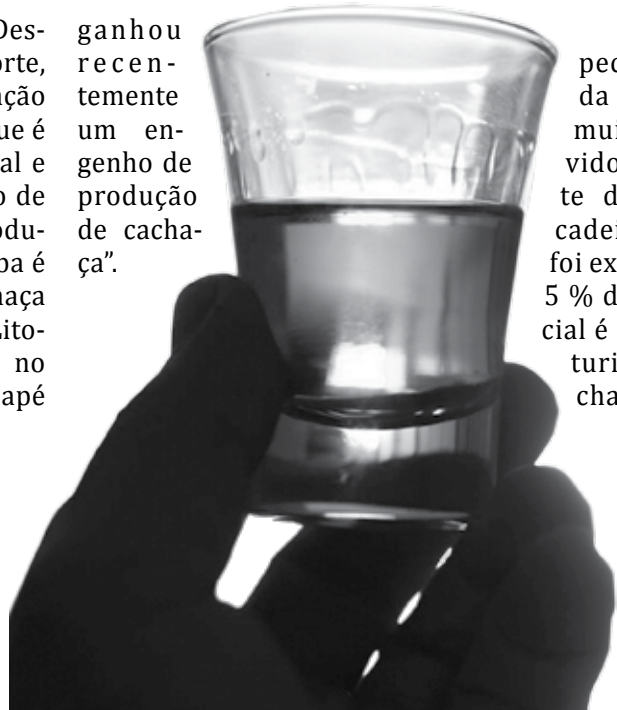
A importância para a economia e turismo local

Em 2019, 30 milhões de litros de cachaça foram produzidos na Paraíba. Alguns engenhos foram responsáveis por uma parcela de 3,5 milhões de litros nesse montante. É um número que mostra como esse mercado tem adquirido cada vez mais importância no estado.

“Gera muito emprego e renda e muita divisa eco-

nômica para o estado. Desde o cultivo da cana, corte, transporte, transformação em cachaça, o bagaço que é usado para ração animal e em pisos para a criação de aves... É uma cadeia produtiva muito rica. A Paraíba é apaixonante: tem cachaça sendo produzida no Litoral, na Zona da Mata, no Brejo e no Alto Sertão. Sapé

ganhou recentemente um engenho de produção de cachaça”.



E há um aspecto que ainda precisa ser muito desenvolvido. “Outra parte dentro dessa cadeia que não foi explorado nem 5 % do seu potencial é a questão do turismo da cachaça – sobre-

tudo no Brejo. É preciso trabalhar muito isso para fortalecer o turismo cachaceiro na região”.

“A Paraíba, depois de Minas Gerais, é o estado que possui o maior número de marcas de cachaças de alambique, cachaças artesanais, tendo um protagonismo muito forte nacionalmente”, concorda

Roberto Germano, presidente da Fapesq. “É esse momento que precisamos aproveitar para melhorar a qualidade do nosso produto, divulgar a importância desse produto como harmonização com a cozinha paraibana. Essa questão com a harmonia gastronômica é de extrema importância”, completou.

Depois de Minas Gerais, a Paraíba é o estado que possui mais número de marcas de cachaças de alambique e artesanais



Fotos: Roberto Guedes

A entrada para Alagoinha é uma forma de dar as boas vindas aos que chegam de fora e se encantam com as paisagens naturais da cidade; acima, a praça principal onde os moradores se reúnem para colocar a conversa em dia

Antigos engenhos e casarões são tradicionais em Alagoinha

O clima ameno e a vegetação propiciam um cenário bucólico à cidade que imprime sua história nesse ambiente

José Alves
zavieira2@gmail.com

Distante a 107 quilômetros de João Pessoa, o município de Alagoinha que faz parte da Rota Cultural Raízes do Brejo, tem como atração, o turismo de trilhas e visitação a antigos engenhos, casarões, estações e linhas férreas, além da cachoeira da cidade, que é parada obrigatória para conhecer a cidade.

A economia tem como ponto forte o setor da construção civil e o setor comercial com diversas lojas, serviços e mercadinhos instalados nas ruas centrais. Conforme estimativa do IBGE, a população atual da cidade, que este mês completou 67anos de emancipação política, é de 14.160 habitantes.

Alagoinha possui uma área de 87 km², limitando-se ao norte com Cuitegi, ao sul com Alagoa Grande e Mulungu, ao leste com Mulungu e Guarabira e a oeste com Pi-

lões, Areia e Alagoa Grande. A cidade é interligada aos municípios de Guarabira, Cuitegi e Alagoa Grande pela rodovia "Margarida Maria Alves" (PB 075) e a Mulungu pela rodovia PB 063. O acesso a Pilões é feito via Cuitegi e a Areia, via Alagoa Grande.

Segundo o secretário de Administração do município de Alagoinha, José Félix Brito, a construção civil está em evidência, uma vez que a cidade está começando a crescer verticalmente. Isso vem acontecendo porque muitos investidores de Guarabira e até de João Pessoa, estão descobrindo novos espaços em Alagoinha.

O setor de locação de imóveis, também vem recebendo muitos investimentos, através do polo da construção civil. "Ao mesmo tempo em que a cidade vem ganhando novas construções, os empresários vão em busca de locais para se instalar, o que aquece o setor de locação de imóveis. Tudo isso vem movimentan-

do a economia de Alagoinha e trazendo mais emprego e renda para a população local", observou Félix Brito.

As festas tradicionais e que fazem parte do calendário cultural da cidade são o São João nos dias 23 e 24 de junho, o Natal, que é celebrado nos dias 23, 24 e 25 de dezembro, e a festa Evangélica, que acontece no segundo sábado de outubro, exclusivamente para o público evangélico. Essa festa congrega todas as igrejas evangélicas da cidade. Outra festa que atrai multidões e foi criada através de decreto municipal, é a Festa da Mulher, realizada anualmente no dia 8 de março.

Festa religiosa

Alagoinha também comemora com uma grande festa religiosa, o Dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Seguindo o exemplo de João Pessoa, lá o dia 8 de dezembro, também é um feriado municipal, mas a festa para

santa é realizada a partir da semana que antecede o dia 8, na igreja matriz construída em estilo barroco no ano de 1870.

História

De acordo com historiadores, o local onde hoje se situa o município de Alagoinha foi ponto de passagem de contrabandistas franceses, que por volta do século XVI passavam pela região à procura do ouro na Serra da Copaoba. Consta que na época, a região era habitada por índios potiguaras.

Os primórdios do povoamento são atribuídos à construção de uma casa, em 1864 às margens de uma lagoa. A moradia destinava-se a hospedagem dos tropeiros que se dirigiam para a feira do município de Mamanguape.

Na versão da história da cidade apresentada pelo historiador Coriolano Medeiros, a povoação local teve início em 1870 por Luiz Honorato, que construiu na localidade a primeira residên-

cia e um estabelecimento comercial. Ainda de acordo com os historiadores, o distrito de Paz de Alagoinha foi criado em 25 de outubro de 1921. Em sua divisão realizada em 1936, a cidade surgiu como um distrito de Guarabira até o ano de 1943.

Em 31 de dezembro de 1943 o distrito teve sua denominação mudada de Alagoinha para Tauatuba, que em linguagem indígena significa "abundância de barro vermelho". Cinco anos depois, em 1948, um projeto de lei do deputado Hiati

Leal, conseguiu trazer de volta a antiga denominação.

Após o movimento que resultou no retorno do nome inicial, começou o processo em prol da emancipação política. Com grande apelo popular e participação de um ilustre morador da região, Manoel Martins, a emancipação ocorreu em 3 de dezembro de 1953. Em seguida, a instalação oficial se deu no dia 30 de dezembro de 1953, com a posse do primeiro prefeito Dr. Geraldo Gomes Beltrão.

Foto: Divulgação



Um dos engenhos mais antigos do município, que ainda está preservado





Foto: Paulo Píno/Estácio

“Eu sempre tive uma alma punk”

Em um ano no qual compôs 90 canções, Chico César fala sobre internet, política e 'Nada', seu novo EP

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

O período pandêmico pode também ser libertador artisticamente. De acordo com o cantor e compositor Chico César, desde março foram realizados, entre canções guardadas e divulgadas, cerca de 90 trabalhos inéditos. O paraibano aponta 2020 como um ano que pode provocar inquietações. Para ele, a crise sanitária e o isolamento social espelham diretamente nas produções de cada artista em seu respectivo contexto social. “Qualquer arte de qualquer artista reflete a relação dele com o seu momento e seu lugar. Picasso não teria feito a *Guernica* se não estivesse vivendo a Guerra Civil Espanhola. Ariano Suassuna não teria escrito *Auto da Compadecida* ou *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta* se ele não fosse o homem culto do Nordeste e vinculado à cultura popular.

Nada, o mais recente single lançado, na verdade faz parte de uma série de canções escritas intitulada por Chico César como *Inéditas para o Instagram*, no qual possui uma página pela qual alimenta com novidades e interage com o público. Na canção, ele reforça: “Fique em casa e tome sol / se tiver casa e sol”. A música ‘Nada’ está disponível nas plataformas digitais e é uma coincidência estar sendo lançada no período em que o número de contaminações pela covid-19 volta a crescer no Brasil, como afirmado pelo músico. “Fica muito evidente o apelo que a canção faz para as pessoas tentarem se abastecer delas mesmas, dos afetos, ficando em casa, que já é um privilégio da nossa época. A canção é sobre isso”, argumenta. “Durante a pandemia, eu fiz várias que nada tem a ver com ela em si, mas algumas comunicam com questões voltadas ao isolamento”.

O tema da pandemia ambienta as canções direta ou indiretamente, o que faz com que Chico busque o amor e o humor como formas de se expressar, algo que comenta sempre ter buscado fazer. Ele destaca ‘Mama África’, uma de suas mais conhecidas, e lembra do contexto, em que retrata uma mãe que foi abandonada de alguma forma e se tornou mãe solteira. “Ali tem uma alegria que acaba pegando principalmente as crianças. Há um jeito meu de ver o mundo criticamente, mas com alegria. Com humor e com amor. Percebi com o tempo que sou assim e com tudo isso vem também o otimismo”, justifica. “É necessário aproveitar essas tristezas para se melhorar individualmente e coletivamente. Olhar a nossa própria escuridão e jogar a luz nela”.

Com o distanciamento social, o artista aponta algumas mudanças pessoais, como a adoção pelo veganismo e o curso de alemão por aplicativo. “E compus muito”, acrescenta. “Tem



a ver com a oportunidade. Às vezes, essas mudanças sem vontade nos provocam de um jeito onde precisamos perceber também o lado positivo e aproveitar a nossa realidade”.

A percepção da arte vem, para Chico César, de elementos desde os menos tradicionais como designs publicitários às vitrines de lojas, como às músicas que são transmitidas nas rádios e minisséries de TV. Mas nem toda a população percebe dessa forma, apontando as artes como inferiores ou desnecessárias no convívio social. “Em todos os lugares o trabalho artístico está presente. No nosso trabalho muitas vezes há formas de consumir arte sem pagar e, por não pagar, a pessoa acaba não percebendo que ali existe um trabalho”.

Como parte desse consumo “gratuito” de arte, estão as redes sociais, aderidas pelo paraibano de maneira ainda mais presente por conta do isolamento. O compositor tem lançado vídeos gravados de forma simples e sem maiores produções, algo que o aproxima ainda mais o público. “Esses vídeos vão criando uma espécie de intimidade que gera alguma fidelização. Não gosto dessa palavra, mas é como se gerasse um querer bem entre quem faz e quem recebe”. Sobre o termo ‘fidelização’, ele corrige em seguida: “fico contente da pessoa não ser fiel a mim, o amor do público não precisa ser só a mim. Amando a todos ela me deixa livre. Tem pessoas que acham que eu não deveria fazer canções como ‘Pico’ ou ‘Bolsominions’, mas esse sou eu”, argumenta. Em ‘Pico’, ele ritmiza uma marchinha de Carnaval e, na letra, alfineta: “Eu vou tomar vacina / quem não quiser / que tome cloroquina”.

Esse posicionamento político, como ele bem lembra em canções antigas como ‘Mama África’ e ‘Béradêro’, resulta de uma insatisfação social através da qual ele põe pra fora os sentimentos e os compartilha na união entre poesia e música. “Eu sempre tive uma alma punk em algumas canções, mas tenho um jeito doce e essas questões acabam sendo filtradas por esse traço da minha personalidade”.

Esse lado crítico de Chico César pode estar sendo mais observado agora pela própria falta de crítica do público que ocupa os diferentes lados políticos. “O meu trabalho sempre foi crítico. O Jaguaribe Carne sempre foi crítico e eu venho de lá, venho do Grupo Ferradura, com Escurinho, de Catolé do Rocha”.

+ Paraibano lançará álbum de inéditas com Zeca Baleiro

Os planos de Chico César passeiam pela possibilidade de gravar algumas das canções disponibilizadas neste ano em um álbum de estúdio. “Acredito que elas devam desaguar, em algum momento”.

Para além dessa possibilidade, ele adianta um disco de composições inéditas com Zeca Baleiro. “Estamos compondo neste período. No álbum devem entrar apenas as canções que fizemos juntos. São mais de trinta anos de amizade, já fizemos outras canções juntos e retomamos essa parceria. Essa deve ser a celebração de mais de 30 anos de amizade”.

Esse ritmo de composições fez com que Chico mantivesse a mente criativa. “Me ajudou como criador. Em um curto período, sem pandemia e com um objetivo, compus 30 músicas”, lembra. “Com ou sem pandemia, eu brinco muito de



Foto: Gal Oppido/Divulgação

compor, subindo no avião, na passagem de som antes de show, no hotel. Isso quando tinha. Mas continuo criando dentro da minha nova realidade de restrições”.

As mudanças de rotina levam o músico a explorar a própria criatividade, como quando uma fã mandou uma mensagem

contrariada em virtude do seu matrimônio, em 2015. “Ela escreveu dizendo que era contra, que o casamento mata o artista. Quando eu me casei, saiu o disco *O Estado de Poesia*. E aí a pessoa escreveu novamente dizendo que deu o braço a torcer. Cada circunstância traz um novo jeito de olhar”.

Com 30 anos de amizade, disco terá apenas canções feitas a quatro mãos por Chico César e Zeca Baleiro (foto ao lado)

A presença negra nas artes é apontada por Chico César como bastante forte, mas ele reforça: “Eu reivindico um lugar nosso na direção de grandes empresas, no Ministério da Fazenda, nas políticas de segurança, na Presidência da República”.

Ele percebe também um avanço na representatividade em relação às eleições de 2020. “Tivemos exemplo de figuras negras, mulheres, LGBTQIA+. É muito importante trazer essa representatividade que se tentou cortar quando assassinaram Marielle Franco”. Chico chegou a lançar no Instagram um vídeo de um coco de sua autoria, dedicado à vereadora do Rio de Janeiro, quando se completaram mil dias do crime.

Vacina e obscurantismo

Apesar de vivermos em um mundo rodeado por invenções tecnológicas e cada vez mais dependente da ciência, falta à maioria das pessoas um pouco de cultura científica. O que deveria ser comum ao indivíduo médio escolarizado, atinge inclusive muitos estudantes universitários.

Entender o funcionamento da ciência parece ser algo distante e, às vezes, mágico. É verdade que cada ramo científico se tornou um mundo à parte, superespecializado, abstrato e incompreensível para os leigos e quase impossível de ser conhecido, por inteiro, pelos próprios especialistas.

O que chamo de cultura científica vai além do domínio de conhecimentos específicos de uma determinada área como a física, a biologia, a arqueologia, a sociologia ou a geografia. Ela tem mais a ver com certa maneira de ver o mundo. Isso compreenderia um tipo de ceticismo, a curiosidade aguçada, paixão pelo conhecimento, uma noção de verdade provisória e antidogmática que está diretamente associada a comprovações lógicas e factuais – em oposição ao princípio de autoridade.

Nos últimos anos, especialmente com a ascensão de governos de extrema-direita, vimos crescer mundialmente uma onda obscurantista de ataques à ciência, às artes, aos direitos humanos, à informação jornalística e à democracia. Uma “cruzada” ao pensamento livre e racional que se funda em uma lógica anticivilizatória.



Foto: Divulgação

Pesquisa do Datafolha mostrou que 73% dos brasileiros têm interesse de se vacinar

O Brasil é um dos países mais afetados pela pandemia do coronavírus. Oficialmente são mais de 7 milhões de pessoas que contraíram a covid-19 e um pouco mais de 186 mil mortos (pelo menos até a data em que escrevi este texto). Há, contraditoriamente, quem tema mais a vacina do que o vírus. A mais recente pesquisa do Datafolha mostrou que 73% dos brasileiros têm interesse de se vacinar, enquanto 22% afirma que não tomará a vacina e 5% não sabe o que responder.

Circulam inúmeras notícias falsas sobre os malefícios das vacinas. Entre elas que a vacina seria um plano de extermínio em massa da população ou que alteraria o código genético humano. Pode-se encontrar um vasto repertório de teorias da conspiração sobre o assunto. Os menos cautelosos e instruídos são presas fáceis desses discursos. Em um vídeo que circula na Internet um pastor evangélico chega a dizer, durante uma pregação, que a vacina contém o vírus da Aids. O que deve ter provocado frenesi entre os fiéis de sua igreja.

Muitas pessoas estão verdadeiramente amedrontadas com essas histórias, revelando o grau de ignorância do assunto e o efeito negativo que a divulgação em massa de notícias falsas é capaz de produzir. Cresce ainda mais a importância de um jornalismo crítico e informativo, de ampla divulgação dos conhecimentos científicos e de uma educação que promova a cultura científica. Essas são importantes tarefas do nosso tempo.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

O testamento de Beethoven: sejam felizes!

Em vários países se comemoram os 250 anos do nascimento do compositor e regente alemão Ludwig van Beethoven (1770-1827). Ele priorizou toda expressão de liberdade e foi influenciado pelas teses do ‘Sturm und Drang’ (1776), que pode ser traduzido como “tempestade e ímpeto”. Esse movimento foi caracterizado por combater o engessamento dos dogmas racionais na cultura alemã. O ‘Sturm und Drang’ consistiu na criação artística a partir do gesto espontâneo e intuição. Além de Friedrich Maximilian Klingler (1752-1831), foram cofundadores: Johan von Goethe (1749-1832); Jacob Lenz (1751-1792) e Friedrich Schiller (1759-1805).

Beethoven influenciou a necessidade do artista de estar comprometido com os conflitos de seu tempo e para a formação do senso crítico – nos cidadãos – em relação a construção da dignidade e irmandade entre todos. Ele deixou um testamento para seus irmãos, que serve também à humanidade.

O Testamento de Beethoven

“Ó homens que me tendes em conta de rancoroso, insociável e misantropo, como vos enganais. Não conheceis as secretas razões que me forcem a parecer deste modo.

Meu coração e meu ânimo sentiam-se desde a infância inclinados para o terno sentimento de carinho e sempre estive disposto a realizar generosas ações; porém considerai que, de seis anos a esta parte, vivo sujeito a triste enfermidade, agravada pela ignorância dos médicos. Iludido constantemente, na esperança de uma melhora, fui forçado a enfrentar a realidade da rebelião desse mal, cuja cura, se não for de todo impossível, durará talvez anos! Nascido com um temperamento vivo e ardente, sensível mesmo às diversões da sociedade, vi-me obrigado a isolar-me numa vida solitária. Por vezes, quis colocar-me acima de tudo, mas fui então duramente repellido, ao renovar a triste experiência da minha surdez!

Como confessar esse defeito de um sentido que devia ser, em mim, mais perfeito que nos outros, de um sentido que, em tempos atrás, foi tão perfeito como poucos homens dedicados à mes-

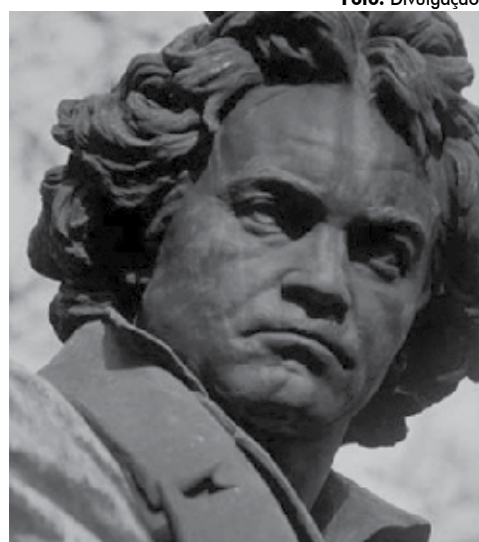


Foto: Divulgação

Compositor e regente alemão Beethoven (1770-1827)

ma arte possuía! Não me era, contudo, possível dizer aos homens: “Falai mais alto, gritai, pois eu estou surdo”. Perdoai-me se me vedes afastar-me de vós! Minha desgraça é duplamente penosa, pois além do mais faz com que eu seja mal julgado. Para mim, já não há encanto na reunião dos homens, nem nas palestras elevadas, nem nos desabafos íntimos. Só a mais estrita necessidade me arrasta à sociedade. Devo viver como um exilado. Se me acerco de um grupo, sinto-me preso de uma pungente angústia, pelo receio que descubram meu triste estado. E assim vivi este meio ano em que passei no campo. Mas que humilhação quando ao meu lado alguém percebia o som longínquo de uma flauta e eu nada ouvia! Ou escutava o canto de um pastor e eu nada escutava!

Esses incidentes levaram-me quase ao desespero e pouco faltou para que, por minhas próprias mãos, eu pusesse fim à minha existência. Só a arte me amparou! Pareceu-me impossível deixar o mundo antes de haver produzido tudo o que eu sentia me haver sido confiada, e assim prolonguei esta vida infeliz. Paciência é só o que aspiro até que as parcas inclementes cortem o fio de minha triste vida. Melhorarei, talvez, e talvez não! Mas terei coragem. Na minha idade, já obrigado a filosofar, não é fácil, e mais penoso ainda se torna para o artista. Meu Deus, sobre mim deita o Teu olhar! Ó homens! Se vos cair isto um dia debaixo dos olhos, vereis que me julgaste mal! O infeliz consola-se quando encontra

uma desgraça igual à sua. Tudo fiz para merecer um lugar entre os artistas e entre os homens de bem.

Peço-vos, meus irmãos assim que eu fechar os olhos, se o professor Schmidt ainda for vivo, fazer-lhe em meu nome o pedido de descrever a minha moléstia e juntai a isto que aqui escrevo para que o mundo, depois de minha morte, se reconcilie comigo. Declaro-vos ambos herdeiros de minha pequena fortuna. Reparti-a honestamente e ajudai-vos um ao outro. O que contra mim fizestes, há muito, bem sabeis, já vos perdoei. A ti, Karl, agradeço as provas que me deste ultimamente. Meu desejo é que seja a tua vida menos dura que a minha. Recomendai a vossos filhos a virtude. Só ela poderá dar a felicidade, não o dinheiro, digo-vos por experiência própria. Só a virtude me levantou de minha miséria. Só a ela e à minha arte devo não ter terminado em suicídio os meus pobres dias. Adeus e conservai-me vossa amizade.

Minha gratidão a todos os meus amigos. Sentir-me-ei feliz debaixo da terra se ainda vos puder valer. Recebo com felicidade a morte. Se ela vier antes que realize tudo o que me concede minha capacidade artística, apesar do meu destino, virá cedo demais e eu a desejaria mais tarde. Entretanto, sentir-me-ei contente pois ela me libertará de um tormento sem fim. Venha quando quiser, e eu corajosamente a enfrentarei.

Adeus e não vos esqueçais inteiramente de mim na eternidade. Bem o mereço de vós, pois muitas vezes, em vida, preocupe-me convosco, procurando dar-vos a felicidade.

Sede felizes!”

Heiligenstadt, 6 de outubro de 1802.
Ludwig van Beethoven.

Ao dar continuidade a essa coluna, sinto-me convidado para a audição do 296 Domingo Sinfônico, na Rádio Tabajara FM 105.5, deste dia 27, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer os compositores alemães Beethoven e Wilhelm Richard Wagner (1813-1883). Beethoven e Wagner conseguiram educar o povo alemão ao culto erudito e elevou à humanidade diante da beleza da arte.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Cartão-postal

Eu não me lembro exatamente como era o nome de Pensão que Luiz Augusto Crispim se hospedava, quando queria ser saudosista. Crispim era um homem bonito! Um dia ele fez um texto comigo e eu não guardei. Crispim, era assim que eu o chamava e muita gente, igual Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim. Só Jobim.

No início dos anos 1980, quando retornei de Paris, comecei a prestar mais atenção nas crônicas de Crispim e nas de F. P. Nóbrega, quando eu era um jovem jornalista, que andava pelos bares *underground* de Tambaú – Travessia, Boia-deiro, Bar da Xoxota, Peniqueiral, bem depois, o 90 Graus (na Praia de Manaira) e Berro D’água, também em Tambaú.

Eu achava inspirador aquele clima anormal das noites no Baixo Tambaú, onde conheci gente urgentemente necessária. Aquelas noites me fazem lembrar de situações (agradáveis, delirantes) que me levaram ali. E dali, sumiram.

Hoje, ainda jornalista, mas não tão jovem, me dividindo entre a batalha pela sobrevivência, filho, mulher, cães e gatos, margarina, gasolina, boletos, pretextos e prerrogativas, eu ainda procuro a câmera que refletia sobre meu cérebro e filmava tudo. O texto viria depois. O texto não morre nunca.

A mesma sensação hoje não bate com frequência, desconfortante no meu coração vago-bundo. Eu adorava encontrar Raquel Cordeiro, linda, namorando uma garota Rosa, que eu sonhava ser minha namorada.

Certos arrependimentos de atitudes passadas, a vontade de ter feito diferente, mas foi o que tinha ser. Memórias que não podem ser apagadas, e que desenharam meu destino desde quando sai da casa de meus. Todo filho precisa sair do colo dos pais.

Vamos imaginar um período sabático. Como assim, Sr. K?

Ao ler *O Cobrador*, de Rubem Fonseca, vendo o sangue escorrendo pelo piso de uma mansão qualquer, até chegar ao *Beijo da Mulher Aranha*, a sua transnacionalidade de Puig, Manuel, que virou filme de Héctor Babenco, em 1985, e eu precisava escrever, para mostrar minha cara.

Livros que marcaram estreias como o solo de uma guitarra a solução, eu achava que o mundo era bem maior (claro), do que os bares, mas só um detalhe: eu não tinha dinheiro para beber e ficava só viajando com aqueles que tomavam conta da garrafa.

Um dia, contei a Crispim que eu me abastecia da noite, para viver mais, já que dormir não me parecia necessário, bem o contrário de hoje. É tão bom dormir. Crispim mandou eu ler *As Flores do Mal*, de Baudelaire. Só me aconselhou, não me emprestou a obra. Eu nunca fiquei com livro de ninguém, lia e devolvia.

Eu queria escrever um conto para alcançar o cume das cabeças grandes, ocas, fofas.

Crispim era, evidentemente, um retrato de muitas pessoas que passaram pelos meus olhos. Vários textos dele provocaram em mim uma identificação, como uma perspectiva de carreira; a necessidade de fazer algo que tivesse um propósito, mas o o escapismo por vezes tão inevitável pra quem vive – ou se refugiava no cu do mundo, nada acontecia.

Como uma ode a Tambaú, a poesia do texto de Crispim está nas esquinas. Crispim está no cartão postal da cidade. Seu nome não morreu ainda. Seu nome me vem a lembrança da escritora Antela Bezerra.

Bom, para dar conta do destino dessa pandemia, sem entrar em paranoia, eu lembrei dele. E a pensão? Ah! O jornalista Abelardo Jurema lembrou – era “Pensão da Paz Dourada”. É lá que ele está agora, no seu confortável cartão-postal.

Kapetadas

1 - Era de Aquário? Que eu saiba estamos na era mais conhecida do planeta, a Já Era, Já Foi.

2 - Droga – vivo ligando para o meu próprio celular pois o perco dentro de casa e como temos mais o fico e não consigo ligar mais para nada. Se liga não me liga, também não ligo liga. Deu a bexiga.

3 - Som na caixa: “Da paisagem da cidade / Que é muito mais bonita / E muito mais intensa / Do que no cartão postal”, Caetano.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Cena de 'Cinema Paradiso' (1988): o cinema é mais que uma alegoria da vida em forma de arte



Fim de ano é tempo de lembrar e celebrar as "coisas de cinema"

Natal e Ano-Novo são festas de muita alegria. Diria até iluminadas! O que todos nós já sabemos. Iluminada, sim, na mais extensa acepção que a palavra possa simbolizar. Mesmo que, de quando em vez, no nosso livre caminhar somos pegos e agredidos por tempos difíceis, como o que hoje atravessamos.

Mas, na verdade, o período natalino é e continua sendo mágico, inclusive para mim (eita! lá vem saudosismos...), pela infância que vivi, tendo em meus pais e tios, sobretudo em minha saudosa mãe, Dona Neném, uma espécie de culto ao "Bom Velhinho" e sua tradicional oferta de mimos natalinos. Ela que também evocava suas lembranças, chamando-as de "memórias natalinas".

Pois bem, se é possível usar uma metáfora para exaltar toda a fantasia que vivi, quando ainda criança, declaro que foi no cinema que tudo culminou. Assim como no brilho do Natal, existem as luzes do cinema. E, no meu caso em particular, foi como se fora um verdadeiro *Cinema Paradiso*, com o meu pai me encantando ainda mais com os ecrãs de sua "fábrica de sonhos"...

O tempo passa indelével. E aí buscamos, no presente, resgatar aquela tão famosa expressão difundida pelo próprio cinema: *Imitation of life*, um dos clássicos filmes hollywoodianos do final da década de 1950, com a atriz Lana Turner, um dos mitos da época, e o canastrão John Gavin. Filme ganhador de alguns Óscares, ainda de direção para Douglas Sirk. E essa mesma "imitação da vida" é que tão bem define a natureza do próprio cinema. Pois, a sua arte é a "arte da representação" da existência humana e das coisas, em seu sentido laico – seja a partir do ficcional ou do documental.

Assim, em mais este dezembro, se é fato que, no cinema se plagia a vida (também na vida, imita-se a arte), fico a relembrar a partida daquele pioneiro da arte-do-filme, que sempre me foi tão caro – o meu pai, "Seu" Alexandre do cinema, hoje patrono e imortalizado pela sua Academia Paraibana de Cinema.

Mas, neste dezembro, para mim há também motivos de alegrias. Não só pelo "natalismo" que representa, mas porque a descendência dos Alexandre se ampliou com meus dois netinhos: Arthur e Miguel

Alexandre. O primeiro com oito anos de idade, nascido no Dia de Santa Claus, e já "cinemista" atuante. O segundo, seu primo Miguel, pelo que se nota de sua graça e esperteza, com apenas dois anos completos neste domingo 27, deve soletrar a mesma cartilha, buscando o fascínio e luzes que só o cinema constrói ao nosso encantamento. Isso, para não falar de mais um casal de netos, já crescidos, Juninho e Lívia, igualmente motivo de minhas alegrias natalinas, também de muito amor.

Aos meus fiéis seguidores, amigos e familiares, Merry Christmas!

Em tempo: amanhã (segunda-feira, dia 28), nosso média-metragem *Poltrona Rasgada*, de 40 min. de duração, será exibido e debatido dentro da *live* do Fest Quipauá, mediado pelo professor João de Lima, da Academia Paraibana de Cinema, com alunos do Curso de História do Cinema da UFPB. *Poltrona Rasgada* (fiction film) tem como tema os valores urbanos cenográficos e humanos da cidade de João Pessoa dos anos 1950, prestando ainda tributo ao próprio cinema. – Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexantos.com.br.



APC recorda legado de seu patrono

Patrono da Cadeira 5 da Academia Paraibana de Cinema (APC), Severino Alexandre dos Santos foi um dos pioneiros do cinema paraibano. Residiu em Santa Rita, Paraíba, onde iniciou como projetorista aos 16 anos de idade, no Cine Independência, ainda na fase do cinema mudo. Na Empresa Nordeste Filme, da família de Walfredo Rodriguez, situada na Rua da Areia, na capital paraibana, Severino mantinha contatos e recebia os filmes que exibia em sua cidade.

Proprietário de uma rede de salas de projeção, em Santa Rita e cidades vizinhas, seu primeiro cinema foi o São Braz, seguido do Santa Cruz, ambos construídos no final da década de 1940, e exibições em 16mm e 35mm; depois foi o São João, modernamente inaugurado em 1958, no centro da cidade, e o Cinerama no vizinho distrito Várzea Nova. Todos construídos pelo próprio Severino Alexandre dos Santos – dublê de arquiteto-construtor e exibidor cinematográfico. Sua atividade foi até o início dos anos oitenta. Morreu em dezembro de 2005, aos 91 anos de idade.

Audiovisual

Baby do Brasil ganha documentário

Eliana Silva de Souza

Agência Estado

Uma das grandes cantoras brasileiras, Baby do Brasil terá sua trajetória pessoal e artística retratada no documentário *Apocalipse Segundo Baby*, de Rafael Saar. Uma coprodução do Canal Brasil com a Dilúvio Filmes, o longa-metragem tem estreia programada para 2022. "Esse filme vai mostrar, com muita verdade, a Baby de verdade, ou melhor a Baby da Verdade", afirma a cantora.

"Esse filme é sobre a minha trajetória no planeta Terra, até o momento, traz cenas reais e profundas da minha vida", afirma Baby sobre a produção, destacando o trabalho do jovem diretor e que "não tem barreiras e, nenhum compromisso a não ser com a fidelidade dos fatos".

O documentário, acompanha a cantora, ícone da contracultura e do movimento hippie brasileiro, desde 2008, registrando seu retorno aos palcos. Houve também um extenso trabalho de pesquisas de imagens de acervo e remonta, ao lado da protagonista, parte de sua trajetória, desde



Foto: Paulo Pinto/Estadão Conteúdo

'Apocalipse Segundo Baby' acompanha a artista desde 2008, registrando o seu retorno aos palcos

a infância em Niterói (RJ), passando pela ponte cujas marquises fizeram as vezes de moradia para a cantora em um momento de sua vida, passando pelo caminho de Santiago de Compostela (Espanha), tradicional rota de peregrinação religiosa, até a vida com os Novos Baianos e os trios elétricos – ela foi precursora no Carnaval de rua de Salvador. "Ele (Rafael Saar) acompanha a minha trajetória

desde menina e essa fidelidade na mistura do meu lado espiritual, tão forte na minha vida, com o meu lado natural, me cativaram para caminharmos juntos nesse roteiro de vida apocalíptico."

O filme traz ainda encontros com Elza Soares e Ademilde Fonseca – suas duas maiores influências na música – além, claro, dos eternos companheiros dos Novos Baianos.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Que absurdo!

Poetas parecem não gostar de poetas. Escritores e artistas em geral parecem não gostar de seus pares. Existem as exceções, raras, é verdade, para simplesmente confirmar a regra.

Nessa seara, pelo menos é o que me revelam testemunhos e confissões de muitos autores, assim como o aprendizado de minha própria experiência como poeta e crítico de província. Nessa seara, dizia, predomina a inveja, o ressentimento, a mesquinhez, a vaidade, a maledicência e a hipocrisia como as práticas e atitudes mais corriqueiras.

Comumente, o vezo desses poetas é o clássico "Não li nem gostei!", ou, a dissimulação que se converte no elogio de corpo presente, para se transmutar, porém, na crítica sarcástica e injuriosa, por trás, ou na ausência da suposta vítima.

Lembro-me, aqui, do conto de Moaci Sclyar, *Os contestas*, inserido na coletânea *A balada do falso messias*; do romance de Eduardo Friereiro, *O clube dos graphomanos* e do de Marques Rebelo, *O espelho partido*, trilogia cujos títulos são: *O trapicheiro*, *Mudança* e *A guerra está em nós*. Todos, de uma forma ou de outra, abordam parodicamente o jogo de vaidades que costura, por dentro, a vida literária e suas refregas e intrigas, que a transformam numa das experiências mais tolas e absurdas. Experiência típica das preocupações cognitivas e estapafúrdias de Bouvard e Pécuchet, célebres personagens de Gustave Flaubert.

Campo minado, a vida literária, com suas ilusões e fantasias, com seus fantasmas e perplexidades, com suas toscas comédias e seus lances trágicos, com seus dissabores e patologias, parece estar cheia de todos os vírus, desde o mais miúdo e invisível até os vírus tangíveis das instituições, concursos, premiações, publicidade e marketing, que, na mais das vezes, nos fazem engolir gato por lebre.

Não. Não: a vida literária não é o reino da verdade nem da ética. Também, na maioria dos casos, não é o reino da estética. Orelhas, apresentações, prefácios e posfácios nem sempre correspondem, de fato, às características, conteúdo e linguagem dos textos a que se referem. Percebe-se, na maioria deles, a estratégia da mistificação, traduzida na apologia de qualidades intrinsecamente inexistentes ou, dizendo melhor, o exercício de protocolos editoriais comprometidos tão somente com o retorno econômico exigido pelos imperativos pragmáticos do mercado cultural. Muita publicidade e pouca literatura. Muita cafajustice e pouco valor literário.

Difícilmente os pares se admiram. Difícilmente os pares se respeitam. Ninguém lê ninguém, e, não raro, esse ou aquele se acha o gênio da raça, o vitimado, o injustiçado, o incompreendido, o melhor nisso, o maior naquilo, sem qualquer capacidade de olhar para si mesmo, distanciado, e fazer a autocrítica, a mais urgente e a mais necessária autocrítica.

Ah! Como chego esses tipos! Ou melhor, essas meras caricaturas! A província está saturada delas. Há casos, surpreendentemente, com sintomas mais ou menos patológicos.

Um fala de sua "obra", quando nada escreveu, e, se escreveu, a "obra" depõe contra, ainda que essa "obra", difusa e invertida, comporte um número inestimável de títulos; outros pleiteiam a Academia de Letras, mais pela posição social do que pela densidade do trabalho literário, artístico e científico (tais candidatos quase sempre ocupam as vagas dos ditos imortais); alguns já catalogam uma possível bibliografia de índole apologetica, quando seus respectivos textos ainda engatinham, ainda estão em processo, como diriam os teóricos; aquele publica cartas de elogio pessoal, sem temer as firulas do ridículo nem o veneno do riso alheio; alguém inventa lances autobiográficos para reforçar sua suposta notoriedade; fulano assegura que sua "obra" já dispõe dos serviços de um agente literário de nível internacional; beltrano ostenta tradução de seus poemas, contos e romances que são lidos e louvados pela crítica especializada de países estrangeiros; sicrano não sabe viver sem fazer proselitismo e carece sempre de uma claque para aplaudi-lo e bajulá-lo, sobretudo se esta claque é composta pelos neófitos e plutivos sedentos de visibilidade e fama; aqueloutro cultiva o isolamento social, não por causa da covid-19, mas porque se considera um novo Rubem Fonseca, corta os elos com seus pares provincianos e vai mendigar, serviçal e deslumbrado, a chancela dos centros culturais "mais desenvolvidos", reproduzindo internamente a ideologia do capacho colonizado etc. etc. etc.

Mas o fato é que ninguém lê ninguém! Ninguém respeita ninguém! Ninguém quer saber de ninguém. Não importa a literatura, o processo de criação em si, mas a festa e o merchandising pessoal. No entanto, cada um quer cultivar a sua pequenina glória, quer entrar para a história, quer a admiração e o reconhecimento dos outros, quer ser protagonista na narrativa das ilusões literárias e nome notável na república das letras.

Que absurdo!

Vôlei da Paraíba comemora avanços, apesar da covid-19

Presidente da FPV, Carlos Fernando, projeta melhores dias para o voleibol paraibano na próxima temporada

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

O voleibol é o segundo esporte com mais praticantes no Brasil e uma paixão nacional, tanto na quadra quanto nas areias. Na Paraíba, o esporte é um dos maiores trunfos do estado, especialmente quando o jogo é disputado na praia onde tradicionalmente ao longo das últimas décadas o estado tem sempre despontado como um dos maiores celeiros de novos e vencedores talentos. Em um 2020 atribulado, repleto de perdas e incertezas, assim como toda a sociedade, o voleibol precisou se reinventar para seguir em frente e para os atletas paraibanos não foi diferente.

Com a paralisação dos esportes e o cancelamento de várias competições, os principais atingidos foram justamente os atletas amadores, em especial, aqueles que ainda estão nas categorias de base, pois a principal competição do gênero no estado não pôde ocorrer, os Jogos Escolares e Paraescolares. Com isso, a fase de desenvolvimento desses novos atletas, especialmente nas quadras, foi afetada e ainda não é possível mensurar qual o tamanho do prejuízo na formação e lapidação dos novos talentos.

Depois das categorias de base, foi o voleibol de quadra o maior dos afetados com a não realização do Campeonato Paraibano e da Liga Paraibana de Voleibol por conta das restrições de uso de equipamentos públicos e privados como ginásios. Ainda assim, a Paraíba, mesmo após a pandemia, recebeu competições importantes como a Super Liga C Feminina que ocorreu em outubro na cidade de Campina Grande e teve como vencedoras as equipes do Ama Vôlei-PR e Chapecó-SC. O torneio foi realizado no Clube Campes tre que também participou da disputa, mas não conseguiu o acesso para a Super Liga B. Também na Rainha da Borborema, no mês de novembro aconteceram as disputas de uma das etapas do Circuito Master Masculino e Feminino que foram sediados na Associação Atlética Banco do Brasil de Campina Grande (AABB-CG), onde o time masculino da AABB-CG ficou com o segundo lugar da etapa e o feminino sagrou-se campeão da competição. Por fim, ainda no mês passado, ocorreu em João Pessoa a disputa da Lampions League Masculino, torneio organizado pelo Maximus Vôlei que ficou com a segunda colocação na disputa regional.

O vôlei de quadra foi o mais afetado pela pandemia, mas ainda houve competição como a Super Liga Feminina em Campina Grande



Foto: Divulgação/Clube Campes tre

A equipe feminina do Clube Campes tre representou a Paraíba na disputa da Super Liga C Feminina no mês de outubro, evento que aconteceu em Campina Grande com vários clubes brasileiros

Masculino segue brilhando nas areias da praia

Foto: Divulgação/FPV

Nas disputas na areia, 2020 veio para consolidar o trabalho da dupla campeã do circuito nacional 2019/2020, formada pelo paraibano George e o capixaba André Stein, além da dupla que representará o Brasil nas Olimpíadas de Tóquio formada pelo paraibano Álvaro Filho - campeão brasileiro 2016/2017 e 2018/2019, melhor jogador do Mundial de 2013 e melhor do mundo em 2017 - que faz dupla com o campeão olímpico Alisson Mamute, também do Espírito Santo.

As duas duplas formadas pelos paraibanos, hoje, disputam etapa por etapa com Evandro (RJ) e Bruno Schmidt (DF) - que também vão para as Olimpíadas no Japão - cada um dos circuitos e o topo do vôlei de praia no país. Porém, além de George e Álvaro, outros atletas paraibanos seguem se destacando no âmbito nacional, a exemplo de Renato - que com apenas 20 anos, ao lado do paranaense Adreilson, compõe a sexta melhor dupla do circuito - e Vitor Felipe que segue como um dos melhores do país e acumula etapas e medalhas nacionais e internacionais.

Porém, ainda que os principais resultados na praia sigam vindo entre as duplas masculinas, o ano voltou a apontar boas perspectivas entre as duplas femininas da Paraíba, pois duas paraibanas estão integrando duplas que, no ranking do circuito nacional, estão entre as



As novas revelações no vôlei de praia feminino com o presidente da Federação Paraibana de Voleibol, Carlos Fernandes (Cascata)

10 melhores do país. Na nona posição está Thati que faz dupla com a paraense Izabel e na décima colocação no ranking surge Andressa de 24 anos, uma das mais jovens do circuito, que faz parceria com a ainda mais jovem Vitória, carioca de 21 anos.

Após anos sem atletas entre as melhores do país, os resultados nas cinco primeiras etapas realizadas na "Bolha de Saquarema" - estrutura de prevenção ao covid-19 onde ocorreram as etapas do circuito nacional desde que as competições retornaram - renovam

as esperanças de títulos para o esporte paraibano, também entre as mulheres. Para Carlos Fernandes, presidente da Federação Paraibana de Voleibol (FPBV), ainda que em um ano muito complexo, o voleibol do estado encerra a temporada com resultados para comemorar.

"Esse foi um ano muito difícil onde precisamos nos reinventar e buscar alternativas para seguir em frente. Infelizmente tivemos um prejuízo grande em relação às categorias de base onde, devido às restrições, não foi possível garantir

competições. No entanto, tanto a Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) quanto nós aqui no estado, buscamos realizar o máximo de disputas possíveis dentro de todos os protocolos possíveis e, assim, trouxemos disputas importantes para a Paraíba como a Super Liga C e temos nas areias, grandes resultados a serem comemorados. Esperamos agora que 2021 possa restabelecer a normalidade, mas até lá precisamos seguir com todos os cuidados, buscando preservar o esporte, mas acima de tudo a vida", comentou.



Fazenda Boi Só originou vários bairros da capital



“Desenho” de João Pessoa, e de parte da Região Metropolitana, se deu a partir das terras da família francesa Boisson

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Os resquícios de uma antiga fazenda ainda fazem parte do cenário urbano de João Pessoa, conferindo um aspecto rural à paisagem cercada de prédios modernos. A Fazenda Boisson – ou Boi Só, como é mais conhecida – faz parte do patrimônio histórico da Paraíba, e hoje, o terreno localizado na Avenida Acre, Bairro dos Estados, cujos proprietários originais pertenciam à família francesa Boisson, foi transformado em um condomínio de luxo. Quem diria que ali existiu uma fazenda numa área tão extensa que acabou sendo desmembrada com o passar do tempo, dando origem a novos bairros e traçando um desenho contemporâneo para João Pessoa?

Relatos baseados em estudos bibliográficos indicam que as características originais da arquitetura do casarão sejam de 1849; outros estudos apontam que foi mais adiante, em 1862. Porém, independente de datas, do traçado original só restou o casarão principal e uma capela, mas nos tempos idos, havia terra a perder de vista. Aos poucos, a área foi sendo fragmentada, dando origem a bairros como Manaíra, Bessa, Jardim Luna, Conjunto João Agripino, Ipês, Mandacaru, o próprio Bairro dos Estados e até parte do município de Cabedelo, que compõe a Região Metropolitana de João Pessoa.

O historiador José Octávio de Arruda Mello explicou que muitas cidades brasileiras foram montadas sobre um trecho rural. “Em João Pessoa, os bairros foram sítios primitivamente, sesmarias, entre eles, Jaguaribe, Torre, e pertenciam a determinadas famílias. Boi Só era Boisson e não é exceção. É possível perceber isso pelos sobrenomes dessas famílias. A Torre, por exemplo, tem muitas ruas com o nome da família Rosa, porque aquilo ali era da família Rosa. Roger tem relação com a família inglesa Roger (pronúncia ‘Rogê’). Ali era o sítio do ‘Rogê’”, comentou.

Por sua importância histórica para o desenvolvimento da cidade, tanto o sobrado quanto a capela foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep) em 1980 – decreto 8.656. A casa grande e a capela de Santa Luzia se deterioraram com o tempo, mas foram restauradas e ainda podem ser visitadas. Seu último morador foi o político paraibano Isidro Gomes.

Fragmentos da fazenda

Um dos primeiros imóveis construídos nas terras que faziam parte da Fazenda Boi Só foi o Grupamento de Engenharia, em 1955. “A cidade começou a crescer com o desmembramento da fazenda que foi dando origem aos bairros, na segunda metade dos anos 50. O bairro Pedro Gondim, segundo relatou o historiador José Octávio de Arruda Mello, foi um dos primeiros a serem desmembrados da propriedade.

“Depois, veio o bairro Treze de Maio entre 1964 e 1965 e, em seguida, o bairro de Mandacaru”, contou. Em 1957, foi construído o Estádio José Américo de Almeida em outro trecho separado da fazenda. E mais edificações foram surgindo. Em 1968, o Bairro dos Estados tinha diversas construções. Há um livro de Walfredo Rodriguez chamado *Roteiro sentimental de uma cidade*, que fala do bairro e das mudanças que foram acontecendo ao longo do tempo.

“A cidade foi crescendo, os bairros foram surgindo e não fazia mais sentido uma fazenda ali. Ficou muito deteriorada, mas o Iphaep recuperou por volta de 2007, 2008. O trabalho foi muito bom, a casa foi recuperada e todas as características originais mantidas”, ressaltou.

A fazenda, de acordo com José Octávio, significa um dos extremos de ocupação da cidade. “João Pessoa era toda cercada de sítios, o de Jaguaribe, a Torre, Miramar, Cruz das Armas e a Boi Só. De um lado, havia a Avenida Epitácio Pessoa, e do outro, o Sítio Boi Só, que foi se desmembrando”.

Foto: Marcus Antonius



Do traçado original da fazenda só restou o casarão principal (foto maior) e uma capela (foto acima)



Foto: Arquivo A União

Estudos indicam que a arquitetura do casarão seja de 1849; outros relatos apontam 1862

Moradores e histórico do local

Antes de Isidro Gomes da Silva, que foi o último morador da Fazenda Boi Só, adquirida por ele no final dos anos 1920, outros proprietários desfrutaram das belezas do lugar. “No século 19, Francisca Fernandes de Lima, em maio de 1856 (...), registrou a posse das suas terras denominada hoje Fazenda Boi Só, a ‘Casa Grande’, rica em beleza arquitetônica remontando lembranças das casas senhoriais do século 19”, diz um trecho de texto publicado no perfil Fazendas Antigas, no Facebook.

Em julho do mesmo ano, tomou posse da propriedade Simplício Narciso de Carvalho, responsável por transformar o espaço em um celeiro alimentício, fornecendo frutas, verduras e cereais à população, conforme resalta o Paraíba Criativa, programa de extensão do curso de graduação

em Turismo, do Centro de Comunicação e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

No início deste século, segundo o programa, a fazenda pertencia a Ernesto de Gouveia Monteiro e, em 1929, foi vendida por seus herdeiros a Isidro Gomes da Silva.

Ainda de acordo com o site *Paraíba Criativa*, a construção do sobrado aconteceu em 1862, como indicam as inscrições em sua fachada original. Já a capela anexa ao sobrado foi erguida em 1962. A primeira grande reforma do casarão foi realizada em 1935, promovendo modificações significativas em sua fachada. Na ocasião, o prédio ganhou as varandas e o mirante. A reforma foi desenhada pelo arquiteto Hermenegildo Di Lascio e as obras executadas por Giuseppe Gioia.

POR QUE BOI SÓ?

■ Toda a extensão de terras que compunha a fazenda de nome curioso pertencia a uma família francesa de sobrenome Boisson. Devido à dificuldade da população em pronunciar o nome francês, a fazenda passou, então, a ser chamada de Boi Só. Antes, porém, a propriedade teve o nome de Fazenda Ribamar.

■ Cenário de filme

Além de ser um marco no crescimento de João Pessoa e no surgimento de vários bairros, a Fazenda Boi só foi transformada em set de filmagem em 1998, quando foram feitas algumas tomadas do filme/série *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes, baseado na obra homônima de Ariano Suassuna.

■ Família Boisson

A família francesa Boisson, que foi proprietária da Fazenda Boisson – ou Boi Só – durante muitos anos, é antiga e, segundo esclareceu o historiador José Octávio de Arruda Mello, não há mais descendentes na cidade.

Vida brilhante do radialista Paschoal Carrilho

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

Paschoal Carrilho Machado nasceu predestinado a brilhar ao lado de grandes astros da radiofonia brasileira. Sua terra natal, Pedra Lavrada (a 234,5 quilômetros da capital paraibana), possui jazidas de minérios valiosos. É por isso que a vida deste radialista paraibano sempre foi brilhante. Veio ao mundo em 24 de fevereiro de 1924 – um domingo de Carnaval. Coincidentemente, morreu em 17 de fevereiro de 1985, aos 61 anos, também numa data em que o rei momo animava a folia do Carnaval do estado.

Fez de tudo no âmbito radiofônico: foi locutor, animador de programa de auditório, empresário de artistas, narrador oficial de cerimônias no Palácio do Governo Estadual e dono de empresa publicitária – esta última em parceria com o radialista Carlos Antônio, que, por mais de 25 anos, animou o *Show das 13*, na Rádio Tabajara, um programa da Jovem Guarda, dedicado aos fãs do iê-iê-iê. Os dois filhos do último casamento com Eddy Carvalho Carrilho, 76 anos, herdaram de Paschoal a arte de desenhar, segundo lembra sua filha, a bibliotecária Ninótkha Kátia Assunção Carrilho de Carvalho, que reside no Jardim Oceania, em João Pessoa.

E por que este nome Ninótkha? Em 1939, aos 18 anos, Paschoal vivia uma época de romantismo. E assistiu a um filme estrelado por Greta Garbo, que fazia uma personagem chamada assim. “Ele achou tão bonito o nome, que jurou colocá-lo na primeira filha que nascesse. E como eu fui a única mulher dos irmãos, papai cumpriu sua promessa”, diz Ninótkha, que também herdou do pai, a facilidade para conversar. Ela diz que Paschoal estudou Engenharia Civil na UFPB, mas desistiu de tudo pela radiofonia. “Por isso papai desenhava bem”, explica.

O homem que vivia assediado pelas moças, por causa da assiduidade em que estava sempre no ar – naquela época a PRI-4, Rádio Tabajara da Paraíba, era a mais ouvida no estado e, com as penetrações noturnas e oportunas das ondas hertzianas, sempre era sintonizada em alguma capital do exterior – pediu à sua mulher, Eddy, que não lhe fizesse nenhuma homenagem especial após



Paraibano de Pedra Lavrada fez de tudo no âmbito radiofônico: foi locutor, animador de programa de auditório, empresário de artistas, narrador oficial de cerimônias no Palácio do Governo Estadual e dono de empresa publicitária

a sua morte. “Estou lhe dando essas informações, porque mamãe liberou, por achar que uma pessoa como meu pai não poderia ficar no anonimato,” esclarece Ninótkha. Hoje, a viúva do locutor que mais divulgou a Aguardente Praianinha, mora em Lucena, no Litoral Norte da Paraíba.

Beijo furtivo de Orlando Dias

Além de Ninótkha, Paschoal teve outro filho com Eddy, Manoel Neto, que reside no Bairro dos Estados, em João Pessoa, onde leciona Educação Física. Do casamento anterior nasceram Werdi (*in memoriam*), que morreu em Londres,

Inglaterra, onde era empresário; e Wagner, atualmente cantor e professor na capital do Reino Unido; Paschoal tinha uma mania que nunca largou: se estava sem carro, esperava horas por uma carona, mas só aceitava as que, literalmente, lhe deixavam na porta da sua casa. Sua contribuição estratégica para a radiofonia foi a de trazer grandes cantores para João Pessoa e outras cidades da Paraíba, como Cauby Peixoto, Ângela Maria, Bienvenido Granda, As Irmãs Aciomã, Orlando Dias, Emilinha Borba, a dançarina cubana de rumbas Rayto de Sol, dentre outros.

Orlando Dias, cujo nome real era Adaute Michelle, cantava de modo espalhafatoso. Num show de auditório na Rádio Tabajara, o cantor pernambucano emocionou-se tanto, que, repentinamente, beijou Paschoal. Este, o afastou delicadamente e disse: “comigo não, violão”. Paschoal era amigo do peito de Bienvenido Granda, o grande cantor de rumbas boleros e mambos nascido em Cuba e radicado no México. Quando Granda vinha a João Pessoa, se hospedava na casa de Paschoal. Certa vez Paschoal foi com Eddy ao México e se hospedou na mansão de Bienvenido Granda, na época um astro de renome internacional.

Fotos: Arquivo A União

+ “Aqui não tem cadeira elétrica, mas tem pai ciumento”

Amigo de Paschoal Carrilho, o cantor Bienvenido Granda era um tipo moreno, baixinho, dono de uma ostensiva cabeleira levemente crespa e gostava de exibir seu indefectível bigode. Aliás, um de seus nomes artísticos era “El Bigode que Canta”. Certa vez, Paschoal arranjou patrocínio com as casas Costa Júnior, uma rede nacional de lojas de tecidos, e conseguiu levar Granda para cantar no Cine Santo Antônio, em Jaguaribe. Durante o show, Granda deu em cima de umas mocinhas. Paschoal advertiu: “Bienvenido, aqui não tem cadeira elétrica, mas tem pai ciumento”.

Por que a cadeira elétrica entrou na História? Na década de 1960 correu o boato de que Granda havia sido morto na cadeira elétrica, em Sing Sing (Texas, EUA), por ter matado uma mulher. Não foi verdade, e um dos motivos da turnê que ele fazia pelo Nordeste do Brasil, onde se concentrava o maior número de seus fãs, foi, justamente, para neutralizar este boato. E Paschoal cumpriu essa proeza porque, na década de 1960, a TV e o Rádio não se propagavam com a rapidez de hoje. Ele e Granda eram amigos por causa de suas profissões e das carraSPANas que tomavam juntos.

Diretamente do túmulo de Dr. Laureano

Numa das visitas a João Pessoa, Granda e Paschoal deram uma esficada até Campina Grande e sumiram por 10 dias. Um conhecido encontrou Paschoal vagando à deriva, na Rua Maciel Pinheiro. E perguntou-lhe o que fazia em Campina Grande. Ele respondeu que estava esperando Granda, para voltarem à capital. Espantado, o interlocutor respondeu: “Paschoal, há três dias eu vi Bienvenido cantando em Currais Novos (RN)”. Nessas circunstâncias, Paschoal voltou a João Pessoa.

Ângela Maria foi uma de suas musas. Num dia de show na Rádio Tabajara, ela se contrariou porque seu vestido estava amassado. Instruída por Paschoal, Eddy arranjou um ferro de passar e resolveu o problema.

O escritor e poeta Saulo Mendonça, recorda que no enterro do médico oncologista Napoleão Laureano, em João Pessoa, Paschoal Carrilho transmitia tudo de forma bem discreta e respeitosa, mas vez em quando, encostava os lábios bem junto do microfone e dizia: “Praianinha, a melhor aguardente do Brasil”. De repente, ele escorregou no cemitério e caiu dentro do túmulo onde Laureano ia ser sepultado. Paschoal não perdeu tempo e mandou: “PRI-4, Rádio Tabajara da Paraíba, transmitindo diretamente de dentro do túmulo de Dr. Laureano”.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Tendências sobre indústria da mídia e comunicação em 2021

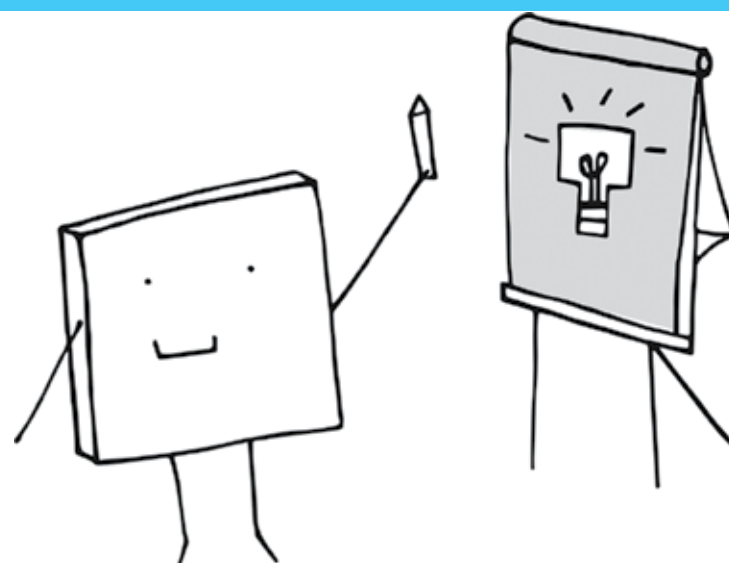
Líder mundial em dados, insights e consultorias, a Kantar apontou algumas tendências sobre a indústria da mídia e comunicação em 2021. Dentre elas, o fato de que o comportamento das audiências será ainda mais complexo e difícil de decifrar. “O cenário de mídia nunca foi tão volátil, ou exigiu tamanha agilidade. O contexto é mais importante do que nunca, à medida que o investimento em mídia muda rapidamente entre os canais, alinhado às tendências de consumo de mídia”. Confira outras projeções da Kantar para o novo ano:

- Entre os consumidores de vídeo, deve prevalecer o assinante -bumerangue. Nesse perfil, o consumidor migra entre plataformas sob demanda e serviços de streaming, aumentando a necessidade de o mercado entender e monetizar a audiência em todos os meios. Assim, “a relação das plataformas com seus assinantes é peça fundamental e deve ser cuidadosamente planejada para reduzir o número

de cancelamentos; nada reduz mais a fidelidade do que os consumidores não terem suas necessidades atendidas e não haver uma opção de saída (cancelamento) fácil”;

- O marketing de influência se tornará um recurso cada vez mais importante na indústria publicitária. Os influenciadores serão vistos como uma oportunidade estratégica de longo prazo, ao invés de apenas uma tática de curto;

- O e-commerce vai se integrar de vez com as redes sociais. “Cada vez mais, os consumidores – especialmente os “millennials” que, agora respondem por 40% dos consumidores globais, agora utilizam as mídias sociais e fóruns para procurar por marcas e comprar. Globalmente, 58% dos “centennials” preferem pesquisar nestes sites antes de comprar. Mas varejistas e mecanismos de busca tradicionais ainda desempenham um papel essencial nessa fase – nos EUA, 50% dos compradores descobrem suas marcas no Google e 63% visitam



com diferentes marcas buscando rapidamente novas formas de alcançar seus consumidores”. Os formatos de “stories”, por exemplo, receberam 29% mais investimento em 2020, com expectativas para quase dobrar em 2021

- As empresas terão que acelerar a compreensão de como o ativismo impacta na força de trabalho. Propósitos e crenças serão ilustrados em suas escolhas de mídia bem como em estratégias de desenvolvimento criativo. “As marcas devem considerar como as plataformas sociais com massa crítica podem apoiar a agenda de ativismo da sua marca, usando influenciadores que se alinham com seus valores”. Atenção: a divulgação de um propósito pode ser um movimento arriscado se não for algo genuíno.

a Amazon ou Walmart.com para uma pesquisa inicial sobre produtos”;

- Hábitos considerados ultrapassados vão ressurgir, a exemplo do retorno da TV como ponto de encontro para a interação social. “A TV sempre ajudou a reunir pessoas, mas com as famílias passando mais tempo em casa durante as medidas de isolamento, as pessoas passaram a consumir mais TV juntas, resultando em um aumento na audiência de TV e vídeo”;

- O aumento de investimento em mídia sociais seguirá crescendo. As mídias sociais oferecem oportunidades criativas para uma mensagem (paga ou não) se disseminar e ser amplificada – isso foi percebido de forma mais intensa durante as medidas de lockdown,

Tendências, como o próprio nome indica, não são “prego batido, ponta virada”. São um conjunto de insights, mas que podem auxiliar na escolha de um caminho (ou caminhos) possíveis. O estudo completo da Kantar está disponível para download no link: www.kantarbopemedia.com/media-trends-predictions.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Dalva de Oliveira (parte 2) – a “Rainha do Rádio” no ano de 1951

Rainha do Rádio foi um concurso criado pela Associação Brasileira de Rádio para arrecadar fundos para a construção de um hospital. As cédulas de votação vinham na Revista do Rádio e a primeira premiação ocorreu no ano de 1937, no Iate Laranjeiras, um barco carnavalesco ancorado na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro. Linda Batista foi a campeã e reteve o título por onze anos, até que foram realizadas novas votações.

A eleição de 1949 marcou uma das maiores rivalidades da história da MPB: Marlene e Emilinha Borba. Marlene foi procurada pela Antarcita que estava lançando o guaraná caçulinha. Para promover a marca, a empresa lhe deu um cheque em branco para que ela comprasse quantas revistas e votos fossem necessários. Marlene foi eleito com 529.982 votos. Emilinha era uma candidata forte, mas ficou em terceiro lugar, depois de Ademilde Fonseca.

Marlene manteve o título em 1950, entregando-o no ano seguinte para Dalva de Oliveira. Emilinha o venderia apenas em 1953. Nesse ano, a Revista do Rádio passou a fazer eleições estaduais. Alguns estados passaram a ter seus próprios reis e rainhas. No Rio de Janeiro, o primeiro cantor a ser eleito Rei do Rádio foi Francisco Carlos, em 1958. O rádio de São Paulo realizou o concurso apenas uma vez, em 1953. Isaura Garcia foi a eleita.

O espetacular sucesso de Dalva de Oliveira, em 1950, só poderia levá-la a um caminho: a Rádio Nacional; apesar de todos os problemas conjugais, os filhos internados em um internato por ordens da justiça, e a constante boataria sobre sua vida pecaminosa, cheia de amores proibidos. A cantora, mesmo amedrontada com os poderosos fãs clubes de Emilinha Borba e Marlene, que faziam da Rádio Nacional seu ponto de encontro, mas a Rádio Nacional iria lançar todo o seu poder de fogo para eleger Dalva de Oliveira a Rainha do Rádio de 1951.

Dalva, a Rainha do Rádio de 1951, “Vitória sensacional – Marilena Alves em segundo e Carmélia em terceiro, as princesas! – foi assim que decorreu a apuração final – Dalva chorava e seus filhos também – Quem não chorou!”

“Que o amor é, simplesmente, o ridículo da vida”. Este verso inesquecível está no belíssimo samba “Bom dia”, que depois foi regravaado em bolero por Dalva de Oliveira no ano de 1968. De autoria dos compositores Herivelto Martins e Aldo Cabral, o tema é mais uma vez a sepa-

ração e a reação passional beirando o desespero do amante abandonado. A letra é carregada de expressões dramáticas e teatrais que ajudam a reforçar a interpretação não menos intensa de Dalva de Oliveira.

Dalva de Oliveira foi sempre uma mulher sensível, delicada, frágil mas ao mesmo tempo muito forte. Embora muito dependente do marido Herivelto Martins, mesmo com o desenlace matrimonial, Dalva continuava amando-o até o fim da sua vida. Entre os dois havia paixões e ódio, cada um ao seu modo na tentativa de destruir o outro.

Dalva era uma mulher vibrante, batalhadora e moderna demais para sua época, enquanto Herivelto Martins ainda se apegava à falsa moralidade de que o homem podia fazer de tudo sem manchar o nome, mas qualquer coisa maculava o “sexo frágil”. Ele era apenas fruto dos preconceitos do seu tempo. Sem falar, que o sucesso de Dalva pesava sobre o seu machismo. Ela era a grande diva do “Trio de Ouro”. Um casamento não poderia sobreviver a tamanho descompasso.

Dalva logo perceberia que seu casamento com Herivelto nunca seria um conto de fadas. O autor de “Caminheiros” era inveterado boêmio, e fez dos bares e botecoins da praça Tiradentes e adjacências seu reduto. Todas as noites, ele comparecia ao local, onde, em frente ao Teatro Carlos Gomes, ficava batendo papo com outros compositores e cantores. Só voltava para casa a altas horas.

Herivelto continuou a aprontar: manteve o gosto pela boemia e acentuou suas escapadas amorosas e transformou seu apartamento, depois dos shows do Trio de Ouro, no Cassino da Urca, em um ponto de encontro de amigos, ocasião que discutiam os destinos da Música Popular Brasileira, tomavam muita cerveja e comiam o macarrão preparado por Dalva – uma Dalva exausta, com sono e ainda de vestido longo, maquiagem, cabelos penteados.

Dalva não era ingênua: sabia dos namoros de Herivelto, mas suportava a frieza do marido e a presença daquela turma de famintos e sedentos na sua casa aquela hora. Seu comportamento, contudo, era estranho: quase sempre ela nada dizia. Não reclamava. Nada cobrava do marido. Uma passividade que o próprio filho Pery Ribeiro e os amigos mais íntimos não sabiam explicar.

Às vezes, porém, ela explodia e a discussão entre os dois descambava para a troca de sopapos. Não foram poucas as ocasiões em que Herivelto, cego de ódio, agredia violentamente a mulher – e Dalva enfurecida, rachou

–lhe a cabeça com uma vassourada ou um cinzeiro de bronze. A verdade é que o clima entre Dalva e Herivelto azedava a cada dia. Entre uma briga e outra, havia sempre um período de paz que, em vista da rotina da casa, era apenas o prelúdio de uma nova e mais violenta desavença.

Herivelto Martins era um grande compositor que desfrutava uma grande influência no meio artístico junto às gravadoras e às emissoras de rádio. Nesse embate apaixonado Dalva sempre levou a pior. Porém, ela gozava de um grande prestígio da comunidade gay, essa comunidade tinha muita influência no meio artístico. Foi decisivo que Dalva sasse do limbo de dificuldades em face do entrevendedor com Herivelto Martins. Nesse interim, sua carreira musical continua numa crescente.

Dalva de Oliveira, a essa altura, já podia viver como estrela; compra uma mansão espetacular em Jacarepaguá, com o quintal abarrotado de animais, alguns exóticos (araras, papagaios, macacos), onde ela recebia seus amigos mais chegados com suculentas macarronadas e apetitosas feijoadas, tudo saboreado à beira de sua piscina.

Dalva fez uma curta temporada em Londres, ocasião em que cantou acompanhada da orquestra de Roberto Inglês, na festa de coação da Rainha Elizabeth II. Nos estúdios da Parlophone, Dalva gravou um LP no qual recriou clássicos brasileiros como “Tico-tico no fubá”, de Zequinha de Abreu, e “Aquarela do Brasil” e “Na baixa do sapateiro”, de Ary Barroso.

Além de tudo, mesmo sendo Dalva uma grande amante, jamais se prostituiu, detentora de grandes interpretações de suas inquietações, frustrações e ousadias, feito marcante somente visto em grandes mulheres. Grande Otelo, grande amigo de Dalva de Oliveira, afirmou certa vez que Dalva cantava com o útero e não com a garganta, ela imprimia todos os recursos da voz que possuía para cantar o amor e os paixões exasperadas.

Seu filho Pery Ribeiro, quando escreveu um livro intitulado “Minhas duas estrelas”, faz a seguinte afirmativa: “na verdade, minha mãe tomou para si as dores dos amores desfeitos, as amarguras das despedidas”. E continua Pery: “minha mãe foi uma mulher fora do seu tempo”.

(Por motivos de ordem superior, o autor desta coluna não está publicando textos inéditos, temporariamente. Assim, aproveitamos para relembrar seus artigos mais lidos, como este da edição de 6 de setembro de 2020)



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses
chefwalthoulysses@hotmail.es

Natal é nascimento

Estamos vivendo dias difíceis em todas as áreas, não só no mundo da gastronomia. Este é um momento de reflexão e muita cautela em tudo que irá ser feito de hoje em diante, seja abrir um novo negócio, reformar uma empresa, fazer gasto desnecessário.

É um momento de muita esperança para um renascimento diferente do esperado para esse ano de 2020, pois teremos que pegar uma borracha e tentar apagar tudo de ruim que aconteceu. Sei que algumas coisas não têm como serem apagadas, mas saber acreditar que o renascimento será diferente.

Já temos a esperança da vacinação que já começou em muitos países do mundo e muito em breve chegará em nosso estado e em nosso país.

Acredito que o pior já passamos e o que podemos fazer neste momento é nos resguardar um pouco mais, evitar aglomerações e viver este momento em uma ver-

dadeira reunião de família e a qual temos bastante ligação e afinidade para evitar a contaminação do vírus.

Não é fácil ter que passar por tantos apertos novamente, mas tudo isso é necessário neste momento tão delicado que vivemos.

Vamos acreditar que possamos reviver este Natal de maneira diferente de qualquer outro, e que ficará para a história de todos, mais acreditando que algo de bom possa ter sido aproveitado de tantos problemas passados.

Pois, se em 2020 não vivemos uma mudança humana, nada mais poderá ser modificado em um ser humano normal.

Um feliz Natal a todos!

São os votos da coluna *Marmitando* para todos os leitores e profissionais do ramo de hotelaria.



Foto: Divulgação

PRATO DO DIA

Risoto Seara com queijo Isis

Ingredientes

- 1 tender bolinha Seara cortado em cubos
- 1kg de arroz arbóreo
- 4 colheres de sopa de manteiga Isis
- 1 cebola grande ralada
- Noz moscada a gosto
- Caldo de legumes (1 cebola, 1 cenoura, talo que sobra do alho poro e 1 ramo salsa fresca)
- 1 alho poro picado
- 1 abacaxi cortado em cubos
- 200g de queijo parmesão ralado grosso Isis
- 200ml de vinho branco
- 1 iogurte natural Isis
- 2 colheres de sopa de azeite

Modo de preparo:

Em uma tábua corte em cubos o tender e reserve. Em seguida, corte abacaxi em cubos, o alho-poró em rodela finas e ralé a cebola. Coloque o caldo em 1 lt e 1/2 de água com os ingredientes a cima para ferver.

Pegue uma panela grande e coloque as duas colheres de sopa de azeite e duas colheres de sopa de manteiga. Em seguida, acrescente a cebola e o alho-poró e der uma leve refogada, depois coloque o tender cortado em cubos e o abacaxi também. Depois de refogado, acrescente o arroz arbóreo e dê uma leve fritura rápida nele, e vá acrescentando aos poucos o caldo que está na outra panela. Quando você sentir que o grão já deu uma amolecida, acrescente o vinho e a noz moscada, baixe o fogo total e acrescente o restante dos ingredientes e sirva bem quente com mais duas colheres de manteiga.

QUENTINHAS

• Para quem não fez encomendas neste Natal, ainda dá tempo para o pedido do Ano-Novo. Os biscoitos tradicionais feito com toque de gengibre e um delicioso bolo regional de tapioca feito por @docemesajp, além de suas deliciosas tortas. Contato 98617-4986.

• Este Chef que aqui esteve estará disponível para almoços e jantares a serem realizados em sua residência, fazendo o trabalho de personal Chef e caso necessite levar uma equipe para executar o trabalho de churrasco e eventos. Pode entrar em contato pelo direct do Instagram @walthoulysses ou pelo telefone 99620-0013.

• Quem estiver precisando de divulgação nas redes sociais para movimentar seu negócio do ramo de alimentação e hotelaria no geral, também pode entrar em contato no direct do meu Instagram @walthoulysses ou pelo telefone 99629-0013.

PITADAS A GOSTO

O tender não pode faltar. "Pela tradição. Na verdade, o tender começou a ser vendido durante o Natal no Brasil na década de 1960 e, desde então, tornou-se tradição no país, até por ser uma alternativa ao peru". Para quem não sabe, ou nunca se ligou, o tender, diferente do peru e do chester, não é uma ave, é o pernil defumado do porco, um tipo de presunto. A tradição do tender vem dos Estados Unidos. Na década de 1950 esses pernis de porcos defumados começaram a ser importados para o Brasil e neles constava a expressão, em inglês, *tender made*, que significa "feito com carinho". Os brasileiros logo rebatizaram a novidade, e o nome pegou. Tradicionalmente, o tender é preparado com frutas ou marinado em outros ingredientes doces, o que cria um contraste agradável com a carne salgada do porco. "A carne de porco, por si só, já combina muito bem com o agridoce. O tender, especialmente, por ser uma carne salgada, defumada e forte". Por estarmos no verão e no Brasil, é usar as frutas, que dão frescor ao prato. "O tender pode ser acompanhado tanto com frutas secas como as frutas que estão na época de cada região. O ideal é balancear ácido e doce, mas todas podem acompanhar".